



## CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

### PASTORAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS

17ª Assembléia Geral  
Itaici, 18 a 27 de abril de 1979

## I. INTRODUÇÃO

### 1.1. Documentos do Episcopado Brasileiro

O Episcopado Nacional já ofereceu aos agentes de pastoral vários documentos litúrgicos-pastorais, aprovados em Assembléia Geral. Referem-se à Pastoral do Batismo, da Confirmação, da Eucaristia, da Penitência, do Matrimônio e da Música Litúrgica, e foram publicados na coleção de "Documentos da CNBB", sob os números 2,2a,6,7,11 e 12.

O presente documento ocupa-se da Unção dos Enfermos. A Comissão Nacional de Liturgia já preparou um opúsculo sobre a Pastoral da Saúde, publicado na coleção de "Estudos da CNBB", sob o número 9. A Assembléia Geral da CNBB apresenta e assume este documento que se restringe à liturgia dos doentes e traz o título de "Pastoral da Unção dos Enfermos".

### 1.2. Razão de ser do documento

Muitos dos nossos agentes de pastoral, bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, dedicam-se, neste país, com grande zelo, ao atendimento dos irmãos enfermos. No entanto, nossa mentalidade, nossos métodos pastorais e a maneira de celebrar o sacramento da Unção dos Enfermos, reservado exclusivamente ao ministério dos sacerdotes, são suscetíveis de reais aperfeiçoamentos, para o maior bem do Povo de Deus. Concorre, para isso, entre outros fatores, a publicação, relativamente recente, do novo "Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral" que abre perspectivas novas neste campo.

### 1.3. Unção dos Enfermos e o conjunto da pastoral

Aplica-se à liturgia dos enfermos o que vale dos demais sacramentos: por um lado, não se pode separar a pastoral da Unção dos Enfermos do restante da pastoral, particularmente da Pastoral da Saúde; por outro, há considerações que são próprias deste sacramento e que reclamam uma atenção especial.

O opúsculo de estudo da CNBB, "Pastoral da Saúde", amplia seu objeto, de modo a incluir todo o campo extralitúrgico, desde a medicina preventiva e a higiene até a ajuda no campo previdenciário e jurídico e o envolvimento das estruturas em que o enfermo se encontra.

## II. SITUAÇÃO DA PASTORAL DA SAÚDE

### 2.1. O contexto geral da situação

Omitimos de propósito a descrição da situação sanitária geral de nosso povo e nos contentamos em lembrar os múltiplos problemas a ela relacionados, tais como: falta de recursos, em largas camadas da população, em decorrência da má distribuição das

riquezas, falta de educação sanitária, condicionamentos culturais que, em seus aspectos negativos, impedem ou retardam, muitas vezes, o recurso devido aos meios já conquistados pela medicina, a desnutrição, a poluição em suas diversas modalidades, as doenças endêmicas, a má distribuição dos recursos materiais e humanos reconhecidamente limitados, a administração hospitalar inadequada, a comercialização da doença, a despersonalização do atendimento em hospitais muito grandes ou voltados à investigação científica e à formação profissional, o preço dos remédios, o desconhecimento dos mecanismos jurídico-administrativos da imensa organização previdenciária, e outros, já melhor elencados e descritos no estudo da CNBB sobre "Pastoral da Saúde".

## 2.2. A situação específica da Unção dos Enfermos

### 2.2.1 Aspectos negativos

Além dos problemas da pastoral global e da pastoral da saúde, no setor específico da Unção dos Enfermos, observam-se outros decorrentes de:

- Desconhecimento, entre os fiéis, do sentido exato do sacramento da Unção dos Enfermos, debitável, em grande parte, a uma evangelização e a uma prática pastoral deficientes;
- Compreensão errônea da "vontade de Deus" acerca da doença, com o conseqüente fatalismo e desalento em face dos desafios que a vida e a morte nos propõem;
- Crença popular que associa a visita do padre ao doente com a iminência da morte, resultante de uma pastoral que ministrava o sacramento da Unção dos Enfermos apenas aos moribundos, apresentando-o como "extrema-unção" e "sacramento dos que partem";
- Falta de visitas regulares aos doentes, quer por parte do padre quer por parte de outros agentes de pastoral;
- Insuficiente distribuição de tarefas pastorais junto aos enfermos, deixando sobretudo de estimular e aproveitar os leigos;
- Deficiente preparação teológica-pastoral de certos agentes, mesmo ministros ordenados, em relação à Unção dos Enfermos;
- Crescente secularismo, que torna os homens insensíveis ao plano de salvação e leva os pacientes a rejeitar ou, pelo menos, a não se interessar por qualquer forma de assistência religiosa. Para isso, contribui uma mal-entendida secularização da medicina, que acaba por dissociar o tratamento médico do doente de suas necessidades como pessoa humana e, conseqüentemente, de suas necessidades de ordem espiritual, ignorando seu valor para o bem-estar do enfermo;
- Uma mal-entendida secularização que provoca nos agentes de pastoral uma certa desvalorização do sacramento da Unção dos Enfermos e a julgar que o povo pense da mesma maneira;
- Passividade de muitos agentes de pastoral que apenas esperam ser chamados para o atendimento domiciliar ou hospitalar dos enfermos;
- Promessas de cura corporal, feitas por círculos espíritas, cultos afro-brasileiros e outras denominações religiosas, seja de extração cristã seja de proveniência oriental, com explicações sobre a origem das doenças que não condizem com a ciência e com uma visão cristã da realidade;
- Má compreensão do dom das curas;
- Modo mecânico de administrar o sacramento, sem a devida preparação, consciência e participação, tanto do doente como dos circunstantes;
- Falta de valorização da Palavra de Deus na celebração da Unção;
- Falta de solicitude em localizar os doentes e as pessoas idosas pela organização de uma eficiente Pastoral da Saúde, com a participação de leigos e dos próprios doentes, nos vários níveis de Igreja, na zona urbana e rural, no setor domiciliar e no setor hospitalar;
- Recurso aos meios espirituais antes e independentemente dos meios naturais, motivado, muitas vezes, pela pobreza em que vive grande parte da população;

### 2.2.2. Aspectos positivos

É justo ressaltar também os aspectos positivos, a serem devidamente incrementados e ampliados, como:

- A grande confiança que muitos enfermos demonstram no valor do sacramento;
- A renovação em curso na Pastoral da Saúde com seus reflexos positivos na Pastoral da Unção dos Enfermos;
- O sensível interesse de alguns movimentos pelos doentes, numa atitude de serviço e com sentido evangelizador;
- Certa superação, por parte das famílias e dos enfermos, do temor causado pela visita do padre, que se deve, certamente, ao esforço evangelizador que renova a vivência e a consciência eclesial;
- Cursos, encontros e outras promoções da Igreja, no serviço da Pastoral da Saúde, envolvendo o pessoal hospitalar e agentes pastorais que atuam com enfermos;
- A distribuição da comunhão eucarística nos hospitais e domicílios feita, com freqüência, por ministros extraordinários, aproximando o doente da comunidade, propicia um clima favorável para a unção dos enfermos;
- Administração dos Sacramentos dos Enfermos como ato comunitário, nas paróquias, nos hospitais e nos asilos de pessoas idosas.

Os capítulos seguintes procurarão iluminar esta situação com o auxílio da reflexão antropológica e teológica, a fim de se encontrarem orientações pastorais.

## III. SENTIDO DO SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS

### 3.1. Aspectos antropológicos da doença

#### 3.1.1. Ruptura da unidade subjetiva

Numa visão bíblica, o homem é apresentado como uma unidade viva, expressa por termos distintos, mas que não se contrapõem entre si como princípios distintos.

Designando o ser humano inteiro, as expressões “basar” (carne), “nefesh” (alma), “ruach” (espírito), “leb” (coração), ressaltam aspectos diferentes de um indivíduo concreto complexo.

De outro lado, a experiência humana oferece a profunda certeza da unidade vivida com o corpo: toda pessoa se considera espontaneamente sujeito único de ações espirituais e físicas.

A doença, porém, leva a consciência a perceber o corpo como um “outro”, independente, rebelde, opressor; o doente experimenta seu corpo como um “outro” dentro de si mesmo, um objeto entre objetos. Rompe-se, pois, a unidade pessoal, subjetiva.

#### 3.1.2. Crise do relacionamento com os outros

Não se faria justiça ao ser humano se este fosse visto como uma natureza racional fechada ou mesmo como uma consciência individual auto-suficiente, orientada, primariamente, para o conhecimento objetivo e o domínio do mundo material, mediante a ciência e a técnica.

Ser homem é ser com os outros no mundo, é ser interpelado pela presença do outro e dos outros; é ser capaz de responsabilizar-se frente ao outro, realizando-se em comunhão com ele, na palavra, no amor e nas demais ações com que o homem constrói sua vida.

O homem, criado à imagem de Deus – que se revelará progressivamente como uma comunhão de pessoas – não pode estar só (Gn 2,18-20)<sup>1</sup>. A socialidade, o ser com os

outros e para os outros pertence ao núcleo da existência humana; a diferenciação sexual (Gn 2,21-24)<sup>2</sup> realça a vocação social da pessoa humana.

Forçado, então, à inatividade, afastado de seus compromissos, entregue aos cuidados dos outros, encerrado no ambiente restrito de um quarto ou preso a um leito, o doente faz, com grande intensidade, a experiência da solidão e da dependência, que rompem a reciprocidade e a dedicação mútua habituais. A doença, pois, em maior ou menor grau, gera uma crise de comunicação com os outros. A tudo se soma a consciência que o doente por vezes tem da incapacidade de os outros compreenderem sua situação real, suas angústias e incertezas íntimas.

### 3.1.3. Experiência da finitude

Na Sagrada Escritura, o homem, visto sempre em relação com Deus, é, antes de tudo, apresentado em seu caráter de criatura. O ser humano depende radicalmente de Deus, não tem em si mesmo sua origem, nem sua razão de ser. O Antigo Testamento expressa simbolicamente esta extrema dependência de Deus absoluto e a fragilidade da vida humana quando fala do homem plasmado do barro (Gn 2,7)<sup>3</sup> e quando, em outra passagem, o designa como pó e cinza, lábil e caduco como as plantas e os animais (cf. Sl 90 6; Ecl 3,19)<sup>4</sup>.

O assalto da enfermidade, pondo a claro a fragilidade e a precariedade do ser humano, leva-o a compreender-se existencialmente como ser finito e limitado, abrindo a pessoa enferma para uma tomada de consciência dos valores transcendentais. A doença, mesmo benigna, evoca a morte ponto final de um processo de dissolução biológica, adiável, mas inevitável.

Afastado de suas atividades e desembaraçado de seus compromissos familiares e sociais, o doente percebe a contingência dos objetivos procurados antes do advento da doença e sua dispensabilidade pessoal para o devir do mundo, que continua seu caminho sem sua participação. Dá-se um redimensionamento de si mesmo e de seu projeto pessoal em relação ao mundo e à história. A finitude é vivida, então, radicalmente e intensamente.

### 3.1.4. A doença como desafio à liberdade

O estado patológico, se, de um lado, é um fato que se impõe à liberdade como algo praticamente inevitável, de outro, aparece como um desafio que se oferece à liberdade, para que o assuma, consciente e responsabilmente, e lhe confira um sentido a partir de sua própria configuração. A tríplice tarefa que lhe é proposta são a reunificação subjetiva, a restauração da comunicação, a integração da finitude e da morte.

3.1.4.1.A *reunificação subjetiva* consistirá, num primeiro nível, em reconciliar-se o doente com o corpo, pela aceitação da corporalidade como dimensão necessária da realidade humana, integrando as deficiências corporais e reorganizando, num novo equilíbrio, os próprios comportamentos. Num segundo nível, a doença poderá provocar uma revisão do sentido global da vida, onde o biológico, relativizando, passa a ser inserido num quadro de valores cuja primazia não lhe compete.

3.1.4.2. Em relação à comunicação, o enfermo poderá descobrir a intersubjetividade como constitutiva do seu ser e do seu existir e a solidariedade como essencial para a realização humana, em todos os sentidos. O doente, entregue às mãos e ao desvelo dos outros, poderá ser levado a redescobrir o caráter único e insubstituível do outro e a sua própria originalidade subjetiva. O reconhecimento da essencialidade do outro exige uma ruptura com a superficialidade das relações habituais, banalizadas e indiferenciadas pela rotina no estado de saúde.

A reciprocidade poderá ser restabelecida pelo desempenho de alguma tarefa acessível ao doente e útil aos que o cercam, pela tomada de consciência das enfermidades e outros sofrimentos que afligem tantas outras criaturas, pelo aprofundamento, quando isto for

possível, dos problemas econômicos, sociais e políticos com que a comunidade humana se defronta, e que outras pessoas também são limitadas e devem ser aceitas como tais.

3.1.4.3. A *finitude* será encarada não como um obstáculo à realização de uma liberdade absoluta, mas como dimensão necessária da existência humana enquanto liberdade criada. Passa-se a acolher a doença como situação original que a liberdade deve levar em conta na elaboração de seus projetos.

Neste enfoque, a eventualidade da morte será aceita enquanto situação necessária do ser vivo, integrando-a na sua existência total. Cabe ao doente dar-lhe um último sentido: pode encará-la como falacidade do existir ou como acesso ao absoluto da eternidade, capaz de reconstituir, em plenitude, as relações interpessoais evidentemente limitadas pelos condicionamentos de tempo e de espaço e restabelece a unidade intrapessoal.

3.1.4.4. A recuperação da saúde pode assumir o aspecto de uma “ressurreição”, de uma novidade de vida. A cura não será considerada apenas como restauração do equilíbrio biopsíquico e social anterior; tampouco será um retorno ao tipo de existência vivido antes da enfermidade.

A pessoa olhará o mundo com outros olhos; outra escala de valores passará a nortear sua vida; o essencial aparecerá ao primeiro plano. Trata-se, verdadeiramente, de um novo nascimento, de uma ressurreição, uma situação a ser assumida pela liberdade e preenchida de sentido.

## 3.2. Aspectos teológicos da doença

### 3.2.1. Deus cria o homem para a vida

A criação é a primeira intervenção de Deus em vista da Aliança com a humanidade. Criado à imagem de Deus (Gn 1,26)<sup>5</sup>, o homem recebe a bênção de Deus – o conjunto de bens necessários à vida (Gn 1,29)<sup>6</sup> – e a missão de desenvolver as coisas criadas, de modo que ele possa servir-se delas e ser seu dono (Gn 1,28b-30)<sup>7</sup>, para a glória de Deus e o bem-estar da humanidade.

O dom da vida implica, para o homem, a responsabilidade de viver, reconhecendo e querendo a vida, numa palavra, prevenindo, conservando e restaurando a saúde. “Não matar” (Ex 20,13)<sup>8</sup> é o mandamento divino que sanciona a intangibilidade natural e inalienável de todo ser humano e prescreve a obrigação de preservar e promover a saúde.

A doença, por seu turno, está ao menos virtualmente inscrita no ser criatural do homem, cujas energias físicas e psíquicas vão se deteriorando no decorrer do tempo.

### 3.2.2. A doença e o desígnio de Deus

Deus não criou o homem para a morte, mas destinou-o à vida e à vida em abundância (cf. Jo 10,10)<sup>9</sup>. Por isso, ele é chamado a esforçar-se por preservar a vida e a saúde. A doença mostra-se como algo que contradiz, diminui, obstaculiza ou paralisa o querer viver. Para obedecer ao mandamento de Deus, é preciso que o homem queira fazer tudo o que é necessário e possível para assegurar a continuidade da própria vida psíquica e física, lutando contra tudo o que arrisca de paralisá-la.

Saúde e doença adquirem seu pleno significado no âmbito da Aliança, constando dos elencos de bênçãos e, respectivamente, de maldições que integram os formulários de Aliança (cf. Êxodo e Levítico). São parte integrante do desígnio de salvação.

A doença acha-se referida ao pecado, na atual economia da salvação. Como todos os demais males humanos, a doença contraria à intenção profunda de Deus, que criou o homem para a felicidade (cf. Gn 2)<sup>10</sup>; ela entrou no mundo, com todas as suas

manifestações desagregadoras e dolorosas, como consequência do pecado (cf. Gn 3,16-19)<sup>11</sup>. Não é, entretanto, produto de faltas parentais ou pessoais (cf. Jo 9,3; Lc 13,2)<sup>12</sup>, mas sintoma de um desregramento que afeta o homem inteiro e todo homem. É um dos males que pertence à condição pecadora da humanidade; é o símbolo desta condição.

Afirma o “Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral”, em sua Introdução, que “a doença, ainda que intimamente ligada à condição do homem pecador, quase nunca poderá ser considerada como um castigo que lhe seja infligido por seus próprios pecados (cf. Jo 9,3)<sup>13</sup>. Não só o próprio Cristo, que é sem pecado, cumprindo o que estava escrito no profeta Isaías, suportou as chagas da sua Paixão e participou das dores de todos os homens (cf. Is 53,4-5)<sup>14</sup> como continua ainda a padecer e sofrer em seus membros mais configurados a ele quando atingidos pelas provações, que no entanto nos parecem efêmeras e até mesmo leves, comparadas ao quinhão de glória eterna que para nós preparam” (cf. 2Cor 4,17<sup>15</sup>; cf. Ritual, Introdução, n.2)<sup>16</sup>.

E, logo em seguida, conclui: “Por disposição da divina providência o homem deve lutar ardentemente contra toda doença e procurar com empenho o tesouro da saúde, para que possa desempenhar o seu papel na sociedade e na Igreja, contanto que esteja sempre preparado para completar o que falta aos sofrimentos do Cristo pela salvação do mundo, esperando a libertação da criatura na glória dos filhos de Deus” (cf. Rm 8,19-21; Cl 1,24<sup>17</sup>; cf. Ritual, Introdução, n.3)<sup>18</sup>.

### 3.2.3. A vontade de Deus em relação à doença

Mesmo tendo um sentido, a doença continua sendo um mal. Ela deve ser abolida na aparição dos tempos escatológicos (cf. Is 35,5-6; 57,18-19; 61,1-2; 65,19; Jr 30,17; 33,6)<sup>19</sup>, quando a cura se tornar sinal da salvação perfeita e completa.

Todo fatalismo, que levasse a omitir o cuidado indispensável da saúde, sob a alegação de que a doença é vontade de Deus, seria contrário ao mandamento divino, além de prejudicar a recuperação das forças perdidas.

É claro que as energias do corpo humano se vão desgastando com o passar do tempo. Nesta vida, não possuímos o dom da imortalidade. Um dia, como consequência de enfermidades, de ferimentos ou da simples velhice, todos os homens morrerão. Mas este morrer é passagem para mais vida e condição para a futura ressurreição. É a caminhada pascal do homem em seguimento a Cristo: “Se estamos mortos com Cristo, acreditamos que também viveremos com ele, pois sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte já não tem poder sobre ele” (Rm 6,8-9; cf. 1Cor 15,36-38. 42-45)<sup>20</sup>.

Na medida, porém, em que as doenças e a morte, em última análise, são inevitáveis e na medida em que perduram, apesar de todo nosso esforço em evitá-las e combatê-las, nós devemos aceitá-las e assumi-las, à luz da fé e da esperança escatológica, que nos abrem horizontes inacessíveis à razão e às demais forças humanas, repetindo as palavras de Cristo ao ver aproximar-se a sombra da morte: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. Contudo, não seja feito como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26,39)<sup>21</sup>. Na saúde e na doença, o cristão deve ter consciência de que a vontade de Deus é sempre o bem do homem, às vezes obscuro, mas sempre real.

### 3.2.4. Cristo, o libertador escatológico

Na plenitude dos tempos, quando se inauguram os tempos finais, Jesus depara-se com a doença, compadece-se (cf. Mt 20,34)<sup>22</sup> e, diante da fé (cf. Mt 9,28; Mc 5,36; p 9,23)<sup>23</sup>, cura. A atividade terapêutica de Jesus tem um profundo valor salvífico. Mais que gestos do poder sobrenatural que residia nele para acreditá-lo como Messias, as curas são o sinal de que o Reino de Deus, a salvação escatológica irrompeu no mundo. A doença ainda não desaparecerá do mundo, mas a força divina que finalmente a debelará já está presente e atuante no mundo.

As curas de Jesus não visam a implantar agora e em forma gloriosa uma era de felicidade sobre a terra. Jesus conserva, não obstante as tentações (cf. Mt 4)<sup>24</sup>, os traços do Servo sofredor de Javé. Ele toma sobre si a miséria humana (cf. Mt 8,16-17)<sup>25</sup>. O sinal decisivo da salvação não serão as curas, mas o “sinal de Jonas” (cf. Mt 12,38-40)<sup>26</sup>, isto é, sua morte na cruz e sua ressurreição. A luta de Jesus contra a doença inscreve-se no dinamismo pascal de sua vida, cujo vigor salvífico assume a debilidade humana na sua condição de impotência diante do mal. Aceita e vive esta condição como autodoação ao Pai e aos irmãos. A fraqueza humana, assumida até a Paixão e à Morte de cruz, adquire seu valor redentor por tornar-se, nas condições adversas criadas pela liberdade humana, meio de expressão de um amor fiel e total (cf. Fl 2,6-8)<sup>27</sup>.

No Reino plenamente realizado, não existirá nem pecado, nem doença, nem morte. Em nossa situação presente, ainda não totalmente transfigurada, o sofrimento, a doença e a morte já estão radicalmente vencidos, não em si, mas no Cristo ressuscitado e em todos aqueles que, assimilados a Cristo pela fé e pelo batismo, no seguimento a Cristo (cf. Fl 2,5)<sup>28</sup>, chamados a participar da cruz do Senhor, fazem do sofrimento, da doença e da morte expressão de um amor filial e fraterno, numa autodoação completa de si, enquanto se espera ativamente a libertação plena (cf. Rm 8,19-21)<sup>29</sup>.

### 3.2.5. A Igreja, sacramento de Cristo

A Igreja, continuadora da missão de Cristo, que passou fazendo o bem (At 10,38)<sup>30</sup>, para que todos tivessem mais vida (cf. Jo 10,10)<sup>31</sup>, num mundo marcado pela doença e pela morte, revela-se como “sacramento universal de salvação” (LG 48; GS 45)<sup>32</sup> e, como tal, assume como suas as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” dos homens, preferentemente dos mais pobres e oprimidos.

Imitando o Cristo, que veio libertar o homem do pecado e de suas conseqüências, que afetam a sociedade humana e cada um dos homens, a Igreja também deve lutar contra tudo o que impede o homem de atingir sua plena realização, anunciando eficazmente a vida e a ressurreição em Cristo, isto é, “manifestando e ao mesmo tempo operando o mistério de amor de Deus para com o homem” (GS 45)<sup>33</sup>.

Para tanto, Cristo, seja na primeira missão dos discípulos (cf. Mt 10,1-3)<sup>34</sup> seja em sua missão definitiva (cf. Mc 16,17)<sup>35</sup>, torna os seus colaboradores participantes do seu poder de curar as doenças. Deste poder dão testemunho inúmeras passagens dos Atos dos Apóstolos (cf. At 3,1-3; 8,7; 9,32-34; 14,8-10; 28,8-10)<sup>36</sup>.

Através de seu Espírito, enriquece a Igreja de inúmeros carismas para benefício de todos; entre esses carismas, menciona-se a cura (cf. 1Cor 12,9.28.30)<sup>37</sup>.

A graça de Deus, entretanto, atinge ordinariamente os doentes na fragilidade de um gesto de assistência aos doentes, simbolizado pela unção e pela oração da fé (cf. Tg 5,14-15)<sup>38</sup>. Como diz a Lumen Gentium, “pela sagrada unção dos enfermos e pela oração dos sacerdotes, a Igreja inteira recomenda os doentes ao Senhor, para seu alívio e salvação (cf. Tg 5,14)<sup>39</sup>. Exorta-os a se unirem livremente à paixão e à morte de Cristo (cf. Rm 8,17; Cl 1,24; 2Tm 2,11-12; 1Pd 4,13)<sup>40</sup> dando assim sua contribuição para o bem do Povo de Deus” (LG 11)<sup>41</sup>.

Consciente, porém, de que, enquanto durar o mundo presente, a humanidade deverá carregar as conseqüências do pecado, a Igreja ensina que a doença e a morte não são obstáculos intransponíveis ao projeto de vida de Deus sobre o homem, mas podem tornar-se meios de salvação, desde que encarados com os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5)<sup>42</sup>.

Desta forma, a Igreja – não somente a grande família de todos os batizados no mundo, mas também as comunidades locais – se apresentam como sacramento da “multiforme

graça de Deus” (cf. 1Pd 4,10)<sup>43</sup>. A Unção dos Enfermos é uma das concreções deste sacramento multiforme, que é a Igreja.

### 3.2.6. O respeito ao enfermo

Para a Igreja, a doença não diminui a dignidade da pessoa humana, criada à imagem de Deus (Gn 1,26)<sup>44</sup> e chamada à comunhão de vida com este mesmo Deus e com os irmãos em Cristo, o Filho e o Irmão (cf. GS 15.17.22)<sup>45</sup>.

Os doentes são sinais e imagens, além disso, do Cristo Jesus, pois servir aos doentes é servir ao próprio Jesus em seus membros sofredores: “Estive enfermo e me visitastes... cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,36.40)<sup>46</sup>.

Ademais, os doentes são úteis ao mundo e à comunidade eclesial, seja enquanto testemunham a transitoriedade da vida presente, seja enquanto, vivendo a enfermidade em espírito de fé e de amor, “completam em sua carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, por seu corpo, que é a Igreja” (CI 1,24)<sup>47</sup>. Esclarece o novo Ritual que “é também papel dos enfermos na Igreja, pelo seu testemunho, não só levar os outros homens a não esquecer as realidades essenciais e mais altas, como mostrar que nossa vida mortal deve ser redimida pelo mistério da morte e ressurreição do Cristo” (cf. Ritual, n.3)<sup>48</sup>.

### 3.2.7. Enfermidade e mistério pascal de Cristo

Pela constância e fidelidade de seu amor, o doente associa-se ao Cristo padecente, assumindo em si mesmo as dores de Cristo e se oferece com Ele ao Pai como hóstia viva e dádiva de amor (cf. 2Cor 4,10; Gl 6,14; Ef 5,2; Fl 3,10)<sup>49</sup>, a fim de participar também de sua ressurreição.

O cristão doente, já inserido em Cristo pelo batismo, insere-se, agora, nesta condição peculiar de doente, no mistério da morte e da ressurreição do Senhor: “Trazemos em nosso corpo os sofrimentos mortais de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo” (2Cor 4,10)<sup>50</sup>. No cristão doente se pode verificar o que Paulo dizia de si mesmo: “Embora se destrua em nós o homem exterior, todavia o homem interior vai-se renovando de dia para dia” (2Cor 4,16)<sup>51</sup>. Desta maneira, o mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo torna-se o mistério pascal do cristão.

### 3.2.8. Enfermidade e esperança cristã

Na vida, morte e, particularmente, na ressurreição de Cristo, e no dom do Espírito Santo, que completou a realização das promessas (cf. At 2,33.39)<sup>52</sup>, “já chegou para nós a última fase dos tempos” (cf. 1Cor 10,11; LG 48)<sup>53</sup>. Em sua ressurreição, Cristo foi constituído princípio ativo da libertação do homem e do mundo (cf. Ef 1,10; CI 1,20; 2Pd 3,10; LG 48)<sup>54</sup>; no Espírito de Cristo ressuscitado, a realidade última já está presente na história, ainda que não inteiramente; o mal, o sofrimento, a doença e a morte já foram mortalmente feridos em sua raiz (cf. 1Cor 15, 25-27)<sup>55</sup>.

Enquanto a criação geme, aguardando a manifestação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19)<sup>56</sup>, e se espera ativamente a posse do paraíso em que os homens serão curados para sempre pelos frutos da árvore da vida (cf. Ap 22, 2; Ez 47,12)<sup>57</sup>, o cristão luta contra o mal e a doença, mas com espírito de fé, colocando sua esperança em Deus e em Cristo, “nossa esperança” (CI 1,27)<sup>58</sup>. No mistério pascal, que é um mistério de fidelidade constante no amor e de autodoação ao Pai e aos irmãos, adquire sentido a aceitação e a paciência, porque, então, expressões de fé e de esperança.

Convictos de que nossa transformação em Cristo é o termo final de nossa esperança, podemos, com São Paulo, dizer: “A minha expectativa e esperança é que em nada eu serei confundido, mas com toda a ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido



no meu corpo, pela vida e pela morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,20-21)<sup>59</sup>.

### 3.3. O sacramento da Unção dos Enfermos

#### 3.3.1. Instituição por Nosso Senhor Jesus Cristo

“Os Evangelhos atestam amplamente quanto o próprio Senhor se empenhou em cuidar corporal e espiritualmente dos enfermos, ordenando aos fiéis que fizessem o mesmo” (Ritual, n.5)<sup>60</sup>. No testemunho de Marcos a respeito dos Doze – “ungiam com óleo muitos enfermos e os curavam” (Mc 6,13)<sup>61</sup> – a Igreja vê sugerida a instituição do sacramento da Unção dos Enfermos por Nosso Senhor Jesus Cristo, “promulgado e recomendado aos fiéis por São Tiago, apóstolo e irmão do Senhor. “Alguém de vós está enfermo”, pergunta ele. “Chame os presbíteros da Igreja, para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente, o Senhor o aliviará; e; se tiver pecado, receberá o perdão” (Tg 5,14-15; Sacram Unctionem Infirmorum, n.1)<sup>62</sup>.

Justifica-se a necessidade deste sacramento, porque “aquele que adoece gravemente precisa de uma graça especial de Deus, a fim de que, premido pela ansiedade, não desanime e, submetido à tentação, não venha perder a própria fé. Por isso, o Cristo fortalece com o sacramento da Unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim poderoso auxílio” (Ritual, n.5)<sup>63</sup>.

#### 3.3.2. Em que consiste o sacramento da Unção dos Enfermos

Obediente ao que estabeleceu o Concílio de Florença, a Introdução ao “Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral” explica que “a celebração deste sacramento consiste sobretudo na oração da fé e na unção dos enfermos com o óleo santificado pela bênção de Deus, após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja; por este rito é significada e conferida a graça do sacramento” (Ritual, n.5)<sup>64</sup>.

#### 3.3.3. A realidade e os efeitos da Unção dos Enfermos

A seguir, fazendo eco à doutrina de Trento e do Vaticano II, assim o novo Ritual esclarece a realidade e os efeitos do sacramento da Unção dos Enfermos: “Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que contribui para o bem do homem todo, reanimado pela confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do maligno e as aflições da morte, de modo que possa não somente suportar, mas combater o mal, e conseguir, se for conveniente à sua salvação espiritual, a própria cura. Este sacramento proporciona também, em caso de necessidade, o perdão dos pecados e a consumação da penitência cristã” (Ritual, n.6)<sup>65</sup>.

#### 3.3.4. Sinal da graça do Espírito Santo

Pela Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, que presencializam sacramentalmente os gestos salvíficos de Cristo e a solicitude de toda a Igreja, comunica-se ao doente a graça do Espírito Santo, numa demonstração de que, nesta sua situação particular de doente, a presença divina não o abandona, sendo-lhe possível acolhê-la na fé, na esperança e na caridade, que brotam de sua liberdade divinizada. Pelo ministério da Igreja que se manifesta solidária a um seu membro enfermo, o Espírito Santo faz-se presente à pessoa do doente, santificando-o nesta circunstância particular de sua vida.

#### 3.3.5. Contribui para a salvação do homem todo

O ser humano é um todo; constitui uma unidade viva, ao mesmo tempo corporal e espiritual. Nesta unidade corpóreo-espiritual, os aspectos anatômico, fisiológico, psíquico e espiritual estão profundamente unidos e em profunda interdependência.

A enfermidade atinge o homem todo, corpo e espírito, desequilibrando-o e debilitando-o, não só biologicamente, mas também espiritualmente.

A Unção dos Enfermos faz com que a força salvadora de Cristo atinja o homem enfermo em sua totalidade, para que ele possa viver, na fé e no amor, a comunhão consigo mesmo, com os outros e com Deus, exatamente nesta situação em que a debilidade geral provocada pela doença torna mais difícil viver esta vida de comunhão para a qual todo homem é chamado e que ao cristão é dado viver consciente e ativamente em comunidade eclesial.

Desta maneira, o sacramento contribui para a salvação do homem todo (“totus homo ad salutem adiuvatur”), reanimando sua confiança em Deus e fortalecendo-o contra as tentações do maligno e as aflições da morte.

### 3.3.6. A possibilidade da cura corporal

A possibilidade de cura corporal, como efeito condicional da Unção dos Enfermos e na oração da fé, é conforme a doutrina e a praxe tradicional da Igreja de acordo com as palavras do apóstolo Tiago (cf. Tg 5,14-16)<sup>66</sup>. A condição para a cura parece ser o maior bem da pessoa, em sua totalidade, ou seja, “se for conveniente à sua salvação espiritual” (Ritual, n.6)<sup>67</sup>.

A cura, pois, embora se relacione com a salvação (“totus homo ad salutem adiuvatur”), não é a salvação total e plena; a restauração integral e plena do homem pertence ao mundo escatológico enquanto tal. A cura corporal, quando se realiza, é símbolo da libertação da condição de pecador – que introduz o homem na comunhão filial e fraterna, com Deus e com os irmãos – e remete à libertação integral do homem e do cosmos, no Reino plenamente realizado, pátria da comunhão total e definitiva.

### 3.3.7. Eventualmente, a Unção pode perdoar os pecados

“Em caso de necessidade”, diz o novo Ritual, “este sacramento proporciona também (...) o perdão dos pecados e a consumação da penitência cristã” (Ritual, n.6)<sup>68</sup>.

O sacramento específico para o perdão dos pecados é a penitência; somente quando o doente estiver impossibilitado de recorrer àquele sacramento, a Unção reconcilia com Deus e com a Igreja.

Com efeito, a Unção dos Enfermos, diferentemente do sacramento da Penitência, não visa a restabelecer a comunhão com Deus e com os outros, rompida pelo pecado; ela visa, antes, a consolidação e a preservação da comunhão, realizada pelo dinamismo teologal. Sendo que o perdão dos pecados depende normalmente do sacramento da Penitência, o doente deve recorrer a este sacramento, se tiver necessidade de renovar sua comunhão com Deus e com os outros. Apenas na medida em que lhe for impossível receber o sacramento da Penitência, é que a Unção terá o efeito de conceder-lhe o perdão, que, reconciliando-o com Deus e com os irmãos, permite-lhe fortalecer seu organismo teologal. Ademais, convém ter presente que toda infusão da graça é também uma renovada purificação, desde que o fiel tenha as devidas disposições.

### 3.3.8. A necessidade da “Oração da Fé”

Como sacramento, através de gestos e palavras a Unção nutre, fortalece e expressa a fé (cf. SC 59)<sup>69</sup>.

Para que se preserve e se realce a natureza cristã e eclesial do gesto sacramental, como “sacramentos da fé” (cf. SC 59)<sup>70</sup>, supõe-se a fé, tanto do ministro e dos participantes, como, sobretudo, daquele que recebe o sacramento.

O sacramento não é um rito mágico com o qual se manipula o sagrado, mas um encontro do homem com Deus em Cristo e na Igreja, que postula uma resposta pessoal, consciente e livre do homem, a resposta da fé. Por outro lado, conseqüentemente, o sacramento da Unção dos Enfermos é uma afirmação testemunhal de que Deus intervém salvificamente no mundo em favor do homem, sua criatura, o qual não está abandonado às suas próprias forças e condenado à limitação de suas explicações racionais, mas envolvido por uma bondade e por um poder que, sem substituí-lo, ou diminuí-lo, vem em seu socorro para potenciá-lo e salvá-lo.

Por isso, o novo Ritual afirma que “na sagrada Unção, unida à oração da fé (cf. Tg 5,15)<sup>71</sup>, esta fé se exprime, e por isso deve ser despertada tanto no ministro do sacramento como sobretudo naquele que o recebe; o doente, com efeito, será salvo por sua fé e por a fé da Igreja, que contemplam a morte e a ressurreição do Cristo, de onde provém a eficácia do sacramento (cf. Tg 5,15)<sup>72</sup>, ao mesmo tempo que se voltam para o Reino que há de vir, cujo penhor é dado pelos sacramentos” (Ritual, n.7)<sup>73</sup>.

### 3.3.9. Sacramento da esperança cristã

A Unção dos Enfermos é o sacramento da esperança cristã. O homem é um ser de esperança. A existência cristã, por sua vez, é esperança de vida e vida eterna (cf. 1Cor 15,53-54)<sup>74</sup>.

A esperança não se refere, porém, apenas à eternidade, senão também ao futuro da vida terrena. Refere-se ao contínuo crescimento do homem todo até a plenitude.

A situação existencial do enfermo, ameaçada pela doença, ajuda a revelar o sentido pleno do existir humano, que transcende a vida presente (cf. 1Cor 15,19)<sup>75</sup>.

Ao celebrar-se a Unção, unida à oração da fé, espera-se uma retomada do fiel que, em função da doença, encontra-se numa particular dificuldade de crer e esperar na bondade e na misericórdia de Deus, esperando contra toda esperança (cf. Rm 4,18)<sup>76</sup>. A resposta de Deus, através de seu Espírito vivificante (cf. 1Cor 15,45)<sup>77</sup>, atinge a pessoa em sua totalidade. Este clima de esperança transparece nas orações do novo Ritual da Unção e deve também ser expresso nos demais elementos que compõem a celebração do sacramento.

### 3.3.10. Acontecimento pascal de salvação

Como todo sacramento, a Unção dos Enfermos torna presente o Cristo em seu mistério pascal, numa celebração adaptada à situação particular do cristão enfermo. Por isso, a Unção se administra ao enfermo que se tornou participante da comunidade de fé, animada pelo Espírito Santo, através dos sacramentos de iniciação: Batismo, Confirmação, Eucaristia. O sacramento destina-se aos membros da comunidade cristã (“alguém dentre vós”) que tenha caído enfermo (Tg 5,14)<sup>78</sup>.

A Unção insere o doente, precisamente como doente, no mistério pascal de Cristo, do qual já participa pela sua vida de batizado. Comparada com as demais formas de assistência ao enfermo, a Unção constitui a culminância de sua inserção, como enfermo, no mistério pascal. É como que uma consagração do doente para a sua união com Cristo pascal, na passagem da dor e, eventualmente, da morte para a vida verdadeira.

Tudo o que constitui a existência do enfermo, o sofrimento do dia-a-dia, os sentimentos de ruptura e angústia, tudo está colocado sob o mistério pascal de Cristo, para dele receber o rumo certo e o dinamismo cristão.

O enfermo é ungido “em nome do Senhor” (Tg 5,14)<sup>79</sup>, assim como foi batizado em nome do Senhor. Reconciliado com Deus e com a comunidade eclesial pelo sacramento da Penitência, se necessário, o cristão enfermo, que tinha recebido a unção do Espírito

Santo no Batismo e na Confirmação é, de novo ungido para ser assimilado a Cristo na sua condição particular de padecente.

### 3.3.11. Dimensão eclesial da Unção

Um dos componentes da doença é afastar o homem do convívio social e dificultar sua participação na vida eclesial, particularmente no culto comunitário. A Igreja, então, vem tirar o irmão enfermo deste isolamento, indo até ele e levando-lhe os socorros da caridade, da oração, da Palavra de Deus e dos sacramentos.

O sacramento da Unção, além de revelar ao doente que o isolamento não rompe sua pertença à Igreja, manifesta a comunhão que existe entre a comunidade eclesial e seu membro enfermo. É o sacramento da solidariedade, da animação e do reerguimento, celebrado pela comunidade eclesial em benefício de um membro em situação existencial ameaçada.

Na comunhão dos santos, a Igreja recomenda os doentes ao Senhor, e estes são convidados a oferecerem seus sofrimentos, unidos à oblação de Cristo, ao Pai, para o bem de todo o Povo de Deus (cf. Ritual, n.5)<sup>80</sup>.

A maneira de celebrar a Unção deverá evidenciar este caráter comunitário do sacramento. O novo Ritual insiste, por isso, na presença e participação da comunidade eclesial, quer na liturgia domiciliar, quer na sua celebração comunitária, no hospital ou na Igreja.

### 3.3.12. A quem se destina a Unção dos Enfermos

“Na epístola de Tiago” – diz o novo Ritual, em sua Introdução – se declara que “a Unção deve ser dada aos doentes, para que os alivie e salve. Portanto, esta sagrada Unção deve ser conferida com todo empenho e cuidado aos fiéis que adoecem gravemente por enfermidade ou velhice” (cf. n.8)<sup>81</sup>. Não é, pois, o sacramento dos moribundos ou agonizantes, mas dos gravemente enfermos. O novo Ritual inclui expressamente os casos dos doentes que necessitam de uma cirurgia, cuja causa seja uma doença grave (cf. n.10)<sup>82</sup>, das pessoas idosas, cujas forças se encontrem sensivelmente debilitadas (cf. n.11)<sup>83</sup> e das crianças enfermas que possam receber o sacramento frutuosa e plenamente (cf. n.12)<sup>84</sup>.

“Para avaliar a gravidade da doença, basta que se tenha del um juízo prudente ou provável, consultando-se o médico, se for o caso, para remover, com sua opinião, qualquer dúvida” (cf. n.8)<sup>85</sup>.

O sacramento poderá ser repetido tratando-se de doença diferente ou de agravamento da mesma enfermidade (cf. n.9)<sup>86</sup>.

Não sendo a Unção dos Enfermos um sacramento preparatório à morte, mas o sacramento que dá o sentido cristão à doença, sua recepção não deve ser adiada indevidamente.

### 3.3.13. O ministro da Unção dos Enfermos

O Ritual é enfático ao afirmar que “o ministro próprio da Unção dos Enfermos é somente o sacerdote” (n.16)<sup>87</sup>, seja presbítero ou bispo.

Especifica, a seguir, as normas jurídicas relativas ao ministro e as normas litúrgicas concernentes à celebração do sacramento (n.16-19)<sup>88</sup>, à matéria, à forma e à fórmula do mesmo, (n.20-25)<sup>89</sup>, cuja leitura recomendamos.

Embora se refira às “funções e ministérios em relação aos enfermos” de um modo geral, não se referindo especificamente à Unção dos Enfermos, será muito útil também um estudo atento da 3ª parte da Introdução.

É sério dever dos pastores zelar para que todos os doentes portadores de moléstia grave recebam o sacramento que lhes compete.

## **IV. PISTAS PASTORAIS**

### **4.1. Observações gerais**

Passando ao campo da prática impõem-se, inicialmente, algumas observações de ordem mais geral.

#### **4.1.1. Pastoral permanente de conjunto**

A Pastoral da Unção dos Enfermos representa apenas um aspecto da Pastoral Orgânica da Igreja nos seus vários níveis sendo, mais precisamente, um setor da Pastoral da Saúde.

Necessita do apoio permanente dos demais serviços e setores, com os quais deverá inter-relacionar-se organicamente, por duas razões principais.

Em primeiro lugar, porque o cristão, que experimenta constantemente a solicitude materna da Igreja em todas as dimensões da vida humana e cristã – proclamação do amor de Deus e do próximo, defesa da justiça, interesse pela promoção humana, luta por melhores padrões de vida – aceitará mais facilmente o ministério da Igreja, e até exigirá o seu exercício, como um direito, quando se encontrar enfermo. A comunidade eclesial será, então, para ele, uma presença familiar, fraterna e amiga, como foi ao longo de toda a caminhada.

Em segundo lugar, porque não se pode suprir facilmente, no talvez breve e sempre difícil período que dura a enfermidade, um atendimento pastoral deficiente. Acresce que a situação de enfraquecimento do enfermo torna ainda mais dificultoso um trabalho pastoral que deveria realizar-se em condições normais, ao longo da vida inteira. Havendo, porém, este empenho permanente e global, na doença, tratar-se-á tão somente de ajudar o enfermo, através de uma preparação próxima ou imediata, a viver evangelicamente este momento difícil e novo.

É necessário, por conseguinte, antecipar esta evangelização, preparando os fiéis no tempo da saúde, para quando os acometer a doença. De fato, a consciência de que o patológico faz parte da condição atual do homem, e de que o cristão é chamado a viver nela e em função dela a fé, a esperança e a caridade, quando doente, precisa ser desenvolvida, através dos mais diferentes meios: pregações de caráter missionário, catequético e litúrgico, cursos e encontros, meios de comunicação social etc. Para tanto, poderá contribuir a celebração comunitária da Unção, com a participação de toda a comunidade, sobretudo se dentro da celebração eucarística.

#### **4.1.2. Dimensões importantes de toda ação pastoral**

É conveniente lembrar, também, que se aplica à pastoral da Unção dos Enfermos, dentro da Pastoral da Saúde, tudo o que, em geral, se diz na Pastoral sobre o relacionamento pessoal que deve estar na base do trabalho evangelizador; a necessidade de fazer da recepção dos sacramentos uma verdadeira celebração da fé; a constituição de núcleos de vida cristã nas “Igrejas domésticas” e nas comunidades eclesiais de base, que terão na Paróquia e na Igreja Diocesana o seu ponto de referência e o apoio necessário ao seu desenvolvimento; uma maior e mais efetiva participação dos leigos na tarefa pastoral da Igreja.

## 4.2. Observações especiais

### 4.2.1. Formação teológico-pastoral dos agentes eclesiais

A renovação da prática eclesial em relação ao sacramento da Unção dos Enfermos exige, previamente, uma séria preparação teológico-pastoral de todos aqueles que, ou como ministros leigos ou, sobretudo, como ministros ordenados, desenvolverão alguma atividade pastoral junto aos doentes.

Difícilmente haverá uma válida renovação pastoral neste campo sem que, em nível de reflexão e formação teológicas e de preparação propriamente pastoral, haja um sério esforço.

Contribuem para isso as já numerosas iniciativas no sentido de integrar os próprios doentes – especialmente os crônicos ou carentes físicos – para que não sejam, também no campo pastoral, meros pacientes, mas “verdadeiros agentes”.

Diante do caráter universal e dramático da doença, que interpela a fé com questões de ordem intelectual e existencial tão prementes, a abordagem da Unção dos Enfermos não pode refletir, de forma alguma, a mentalidade, lamentavelmente ainda existente, de um autor medieval que abre assim a sua tratção: “Em último lugar, vamos tratar do último dos sacramentos, isto é, da Extrema-Unção, mesmo porque não há quase nada a discutir sobre ele (Pedro de Poitiers, Sentent. Lib. V, c. 17, PL 211, 1164).

### 4.2.2. Formação da comunidade eclesial em relação à Unção

Na apresentação do sacramento da Unção dos Enfermos, de modo a se formar a consciência de toda a comunidade eclesial a seu respeito, nas ocasiões e nas formas mais adequadas que a vida da Igreja oferece, além de se levar em conta o que o presente documento propôs em sua terceira parte e o que o “Ritual da Unção do Enfermos e Sua Assistência Pastoral” prescreve, é conveniente observar o seguinte:

- Falar em sacramento que anima o homem todo em sua situação existencial de enfraquecido e não de rito preparatório da morte ou de sucedâneo do sacramento da Reconciliação;
- Explicitar, na catequese, que este sacramento insere o indivíduo enfermo na vida comunitária, apesar do isolamento causado pela enfermidade;
- Esclarecer os fiéis sobre a possibilidade da cura, sem, porém, transformar a Unção, indevidamente, em “sacramento da cura”, obscurecendo ou desvirtuando seu significado principal de graça que ajuda o cristão enfermo a viver a fé, a esperança e a caridade dentro das condições propostas pelo patológico;
- Desfazer a mentalidade deixada pela denominação de “Extrema-Unção” e pelo péssimo costume de se adiar a Unção até ao momento da morte;
- Conscientizar toda a comunidade sobre suas responsabilidades em relação aos seus membros enfermos, como modalidade de se viver a exigência evangélica de amor preferencial pelos pobres.

### 4.2.3. Celebração do sacramento da Unção dos Enfermos

Em relação à celebração do sacramento da Unção dos Enfermos, que deverá propiciar uma participação cada vez mais consciente, frutuosa e ativa da comunidade, é conveniente ter em conta o que segue, além, evidentemente, do que manda ou sugere o novo Ritual:

- Adaptar as orações às diversas circunstâncias, conforme prescreve o Ritual;
- Evidenciar, em toda a celebração, que se trata do sacramento da esperança e não do desespero ou do desenlace final;

- Evitar que o sacramento seja conferido àqueles que não o compreendem ou não o aceitam, prejudicando sua natureza de “sacramento da fé” e induzindo nos circunstantes uma mentalidade tendente a desvalorizar o sacramento pela sua banalização;
- Dar à celebração um caráter pedagógico, de autêntica catequese, tanto para os doentes como para a comunidade presente;
- Cuidar que o doente receba o sacramento tão logo se tenha consciência da gravidade da sua doença, a não ser em casos muito excepcionais, ressaltando, assim, que a Unção é o sacramento que dá o sentido cristão à doença, devendo este sentido ser querido e assumido consciente e livremente pelo enfermo;
- Evitar, na celebração do sacramento, toda e qualquer idéia ou aparência de superstição ou rito mágico, pela criação de um clima dialogal entre o celebrante e os participantes e o doente, e destes com Deus;
- Promover celebrações comunitárias da Unção, com a presença da comunidade hospitalar, familiar ou religiosa, sempre que possível;
- Introduzir ou manter o costume de dar a Unção em determinado dia do mês ou da semana, de preferência numa celebração eucarística, sem excluir os casos de emergência;
- Dar a devida importância às bênçãos e outros sacramentais, desde que: realmente signifiquem uma forma de comunhão com Deus; sejam uma maneira de orar em comum; não se lhes dê nenhum sentido mágico;
- Valorizar, em toda e qualquer celebração, a Palavra de Deus, proclamando-a e ajudando o enfermo, bem como os demais participantes, a interpretar e a viver a doença cristãmente.

#### **4.2.4. A Unção dos Enfermos no contexto da Pastoral da Saúde**

A Pastoral da Saúde, que visa a promoção integral da saúde individual e social a partir de uma visão evangélica do homem e da missão da Igreja, é o contexto necessário e imediato da Pastoral da Unção dos Enfermos, que constitui um momento privilegiado daquela.

Integrada no amplo processo da Pastoral da Saúde, a Pastoral da Unção dos Enfermos e, mormente, a própria celebração do sacramento adquire pleno significado e especial relevância. Em relação à Unção dos Enfermos, a ação pastoral geral da Igreja e a pastoral específica da saúde devem tornar possível a realização da afirmação conciliar segundo a qual “a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana a sua força” (SC 10)<sup>90</sup>.

A Pastoral da Saúde vai ao encontro dos enfermos tanto nos hospitais como nas casas de moradia. Daí a importante distinção entre Pastoral da Saúde Hospitalar e Pastoral da Saúde Domiciliar. São dois ambientes extremamente diversos, que exigem procedimentos igualmente diversos na ação pastoral. Para ser eficiente e eficaz, a Pastoral da Unção dos Enfermos deve levar em conta estas duas situações peculiares em que os enfermos podem se encontrar.

##### **4.2.4.1. Pastoral da Saúde Hospitalar**

A ação pastoral nos hospitais será tanto mais fácil quanto melhor for o relacionamento dos agentes de pastoral com a equipe hospitalar.

Outra condição é que haja – ou trabalhe-se para que haja – estruturas humanas e cristãs que assegurem ao enfermo, aos visitantes e aos agentes de pastoral um ambiente acolhedor e um clima propício à religião. Os agentes eclesiais, por sua vez, devem respeitar a organização da casa e as normas aí vigentes.

Quando possível, haja uma equipe formada com elementos do próprio hospital, encarregada da Pastoral da Saúde em cada hospital, que dinamize as várias atividades deste serviço: evangelização, catequese, liturgia, ecumenismo, promoção humana, recreação.

Visto que nos hospitais se encontram pessoas nos mais diversos graus de participação eclesial e de vida cristã, é preciso conhecer cada enfermo em particular, antes de oferecer-lhe alguma forma de assistência pastoral e, principalmente, algum sacramento.

Antes mesmo de tratar dos sacramentos, é necessário ajudar o doente a se situar diante da enfermidade e encontrar o equilíbrio emocional suficiente para começar a assumi-la humanamente, de modo que criem as condições naturais para vivê-la cristãmente. A participação nos sacramentos, para a qual o enfermo deverá ser pedagogicamente conduzido, num processo de aprofundamento vivencial da fé, deve ser consciente e livre.

Isto se conseguirá mais seguramente, se o enfermo for ajudado a refletir sobre sua vida e sobre sua peculiar situação, à luz da fé, durante as longas horas de inatividade no hospital.

O agente da Pastoral da Saúde Hospitalar e, sobretudo, o sacerdote, saiba atender ao doente com calma e paciência, sem medir o tempo, preparando a hora da graça.

Às vezes, os familiares interpretam erradamente a intenção do enfermo, afirmando ao sacerdote ou ao agente leigo de pastoral que o doente aceita ou rejeita o sacramento, quando o desejo do paciente é bem outro. Requer-se, portanto, para cada caso, um prudente discernimento.

#### **4.2.4.2. Pastoral da Saúde Domiciliar**

Executando-se o que é específico do hospital, tudo o que acima foi dito sobre a Pastoral da Saúde Hospitalar aplica-se também à Pastoral da Saúde Domiciliar.

Embora haja maior número de doentes domiciliares que hospitalizados, para o sacerdote é mais difícil encontrar os doentes nas moradias que nos hospitais. Também o atendimento pastoral, a que o doente tem direito, torna-se mais penoso, visto que é necessário visitar cada enfermo em sua residência. “No entanto, o atendimento em domicílio oferece vantagens pastorais que não se verificam nos hospitais: atendimento mais pessoal, maiores contatos com a família e os vizinhos do doente, maior entrosamento com a comunidade paroquial, maiores possibilidades de pastoral geral”.

Por isso, no setor domiciliar da Pastoral da Saúde, semelhantemente ao setor hospitalar, presta serviços incalculáveis uma boa equipe de leigos e leigas que se sintam vocacionados para este ministério. Se é verdade que estes agentes leigos não substituem o sacerdote em suas funções próprias, contudo realizam tarefas preparatórias e concomitantes da ação sacerdotal de inestimável valor: descobrem onde há doentes, indicam-os para a equipe de promoção humana da comunidade, quando necessário, visitam os enfermos e os preparam e dispõem para os sacramentos, servem de ligação entre o doente e o sacerdote. Alguns deles, como ministros extraordinários da distribuição da Eucaristia, instituídos pelo bispo ou solicitados “ad hoc” pelo pároco, podem levar a Eucaristia aos que a desejarem, mesmo diariamente, como, de fato, convém.

Requer-se dos agentes que tenham os dotes humanos naturais e sobrenaturais necessários, sobretudo uma grande caridade e paciência, além da capacidade e do preparo suficiente para o desempenho de suas funções, que têm um valor próprio e insubstituível.

#### **4.2.5. A Reconciliação, a Eucaristia e o Viático**

Entre as outras formas de assistência espiritual, que se ligam ao sacramento da Unção dos Enfermos ou encaminham para ele, podem mencionar-se as visitas dos irmãos e dos responsáveis da comunidade, o serviço da oração comum pelo doente, a participação



freqüente na Eucaristia, as missas e bênçãos da saúde, as liturgias domésticas, todos elementos que, de alguma forma, se reencontram no próprio rito da Unção.

O sacramento da Penitência há de ser revalorizado distinguindo-o, sempre que as condições do doente o permitem, da Unção. Se o doente precisar recorrer ao sacramento da Reconciliação, deve fazê-lo antes ou, pelo menos, no início da celebração da Unção.

A participação na Eucaristia, alimento da caminhada, expressão privilegiada da comunidade eclesial à qual os doentes continuam ligados, enriquecendo-a misteriosamente com seu sofrimento, deve ser propiciada o máximo possível, dada a importância que reveste para este momento crítico da vida.

Aos moribundos devidamente preparados, a Igreja oferece, na passagem desta vida para o banquete na casa do Pai, na eternidade, a Eucaristia sob a forma de Viático, ou seja, alimento para a última jornada, para a última caminhada, segundo a Palavra do Senhor: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, possui a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54-55)<sup>91</sup>. O viático é uma participação real no mistério eucarístico, memorial da morte e ressurreição do Senhor, de sua passagem deste mundo para o Pai (cf. Ritual n.26)<sup>92</sup>. Neste momento, mais do que nunca, a liturgia terrena é o “antegozo da liturgia celeste” (SC 8)<sup>93</sup>, da união definitiva com Deus em Cristo e por Cristo. Se for possível, o viático seja recebido na própria missa que, em tais circunstâncias pode ser celebrada na casa do enfermo. O novo Ritual recorda que “convém igualmente que o fiel renove, na celebração do viático, as promessas do batismo, pelo qual recebeu a adoção dos filhos de Deus e se tornou co-herdeiro das promessas da vida eterna” (cf. Ritual, n.28)<sup>94</sup>.

## V. CONCLUSÃO

“Passamos este documento, através dos diversos agentes de pastoral, às mãos do Povo de Deus que nos foi confiado. Desejamos que esta nossa palavra sirva de real ajuda para todos: como tema de estudos e encontros, também para sacerdotes, como parte da formação litúrgica nos seminários e como elemento integrante da catequese. Edições resumidas e sobretudo em linguagens adaptadas aos diversos ambientes e pessoas, poderão ajudar a fazer chegar estas orientações a todo o Povo de Deus para que ilumine suas mentes, mova corações e leve a Igreja a uma ação mais consciente e ordenada em favor de seus membros enfermos.

Exortamos a todos os nossos colaboradores no ministério da salvação – presbíteros, diáconos, religiosos e leigos – para que alimentem, em relação aos caríssimos irmãos enfermos, uma ardente caridade fraterna, procurando proporcionar-lhes, por uma ação pastoral cada vez mais adequada, os auxílios corporais e espirituais de que necessitam.

O cuidado dos enfermos, sobretudo dos mais pobres e oprimidos, será sempre mais um sinal de que o Reino faz sua marcha na história e os pobres são evangelizados (cf. Mc 11,5-6)<sup>95</sup>, garantindo-nos, do Cristo juiz que servimos no Cristo pobre e doente, o convite consolador: “Vinde, benditos de meu Pai... porque estive enfermo e me visitastes” (Mt 25,34.36)<sup>96</sup>.

---

### Nota:1

**Gn 2,18-20:** “Javé Deus disse: Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante. Então Javé Deus formou do solo todas as feras e todas as aves do céu. E as apresentou ao homem para ver com que nome ele as chamaria: cada ser vivo levaria o nome que o homem lhe desse. O homem deu então nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras. Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante”.

### Nota:2

**Gn 2,21-24:** “Então Javé Deus fez cair um sono sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem! Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne”.

### Nota:3

**Gn 2,7:** “Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente”.

**Nota:4**

cf. **Sl 90, 6:** “de manhã ela germina e brota, de tarde a cortam, e ela seca”.

**Ecl 3,19:** “De fato, o destino do homem e do animal são idênticos: do modo que morrem estes, morrem também aqueles. Uns e outros têm o mesmo sopro vital, sem que o homem tenha vantagem nenhuma sobre o animal, porque tudo é fugaz”.

**Nota:5**

**Gn 1,26:** “Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”.

**Nota:6**

**Gn 1,29:** “E Deus disse: Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês”.

**Nota:7**

**Gn 1,28b-30:** “E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra.” E Deus disse: “Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês. E para todas as feras, para todas as aves do céu e para todos os seres que rastejam sobre a terra e nos quais há respiração de vida, eu dou a relva como alimento. E assim se fez”.

**Nota:8**

**Ex 20,13:** “Não mate”.

**Nota:9**

cf. **Jo 10,10:** “O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”.

**Nota:10**

cf. **Gn 2:** “Assim foram concluídos o céu e a terra com todo o seu exército. No sétimo dia, Deus terminou todo o seu trabalho; e no sétimo dia, ele descansou de todo o seu trabalho. Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador. Essa é a história da criação do céu e da terra.

Quando Javé Deus fez a terra e o céu, ainda não havia na terra nenhuma planta do campo, pois no campo ainda não havia brotado nenhuma erva: Javé Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem que cultivasse o solo e fizesse subir da terra a água para regar a superfície do solo. Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente.

Javé Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. Javé Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores formosas de ver e boas de comer. Além disso, colocou a árvore da vida no meio do jardim, e também a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía de Éden para regar o jardim, e de lá se dividia em quatro braços. O primeiro chama-se Fison: é aquele que rodeia toda a terra de Hévila, onde existe ouro; e o ouro dessa terra é puro, e nela se encontram também o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: ele rodeia toda a terra de Cuch. O terceiro rio chama-se Tigre e corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.

Javé Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, para que o cultivasse e guardasse. E Javé Deus ordenou ao homem: “Você pode comer de todas as árvores do jardim. Mas não pode comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, com certeza você morrerá.”

Javé Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante. Então Javé Deus formou do solo todas as feras e todas as aves do céu. E as apresentou ao homem para ver com que nome ele as chamaria: cada ser vivo levaria o nome que o homem lhe desse. O homem deu então nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras. Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante.

Então Javé Deus fez cair um sono sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne. Ora, o homem e sua mulher estavam nus, porém não sentiam vergonha.”

**Nota:11**

cf. **Gn 3,16-19:** “Javé Deus disse então para a mulher: “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará”. Javé Deus disse para o homem: “Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará”.

**Nota:12**

cf. **Jo 9,3:** “Jesus respondeu: “Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus”.

**Lc 13,2:** “Jesus respondeu-lhes: “Pensam vocês que esses galileus, por terem sofrido tal sorte, eram mais pecadores do que todos os outros galileus?”.

**Nota:13**

cf. **Jo 9,3:** “Jesus respondeu: “Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus”.

**Nota:14**

cf. **Is 53,4-5:** “Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado. Mas

ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós”.

**Nota:15**

cf. **2Cor 4,17**: “Pois a nossa tribulação momentânea é leve, em relação ao peso extraordinário da glória eterna que ela nos prepara”.

**Nota:16**

cf. **Ritual, Introdução, n.2**: “A doença, ainda que intimamente ligada à condição do homem pecador, quase nunca poderá ser considerada como um castigo que lhe seja infligido por seus próprios pecados (cf. Jo 9,3). Não só o próprio Cristo, que é sem pecado, cumprindo o que estava escrito no profeta Isaías, suportou as chagas de sua paixão e participou das dores de todos os homens (cf. Is 53 4-5), como continua ainda a padecer e sofrer em seus membros mais configurados a ele quando atingidos pelas provações que, no entanto, nos parecem efêmeras e até mesmo leves, comparadas ao quinhão de glória eterna que para nós preparam (cf. 2Cor 4,17)”.

**Nota:17**

cf. **Rm 8,19-21**: “A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada-não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu-a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus”.

**Cl 1,24**: “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja”.

**Nota:18**

cf. **Ritual, Introdução, n.3**: “Por disposição da divina providência o homem deve lutar ardentemente contra toda doença e procurar com empenho o tesouro da saúde, para que possa desempenhar seu papel na sociedade e na Igreja, contanto que esteja sempre preparado para completar o que falta aos sofrimentos do Cristo pela salvação do mundo, esperando a libertação da criatura na glória dos filhos de Deus (cf. Col 1,24; Rom 8,19-21).

É também papel dos enfermos na Igreja, pelo seu testemunho, não só levar os outros homens a não esquecer as realidades essenciais e mais altas, como mostrar que nossa vida mortal deve ser redimida pelo mistério da morte e ressurreição do Cristo”.

**Nota:19**

cf. **Is 35,5-6**: “Então, os olhos dos cegos vão se abrir, e se abrirão também os ouvidos dos surdos; os aleijados saltarão como cervo, e a língua do mudo cantará, porque jorrarão águas no deserto e rios na terra seca”.

**Is 57,18-19**: “eu vi o seu caminho, mas vou curá-lo, guiá-lo e oferecer-lhe consolação. E aos que fazem luto por meu povo, farei brotar de seus lábios este canto: “Paz e felicidade para quem está longe e para quem está perto: eu o curarei, diz Javé”.

**Is 61,1-2**: “O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião”.

**Is 65,19**: “Exultarei com Jerusalém e me alegrarei com o meu povo. E nela nunca mais se ouvirá choro ou clamor”.

**Jr 30,17**: “Eu cicatrizarei a sua ferida e curarei as suas chagas-oráculo de Javé. Porque chamam você de “Rejeitada”, “A Sião de quem ninguém pergunta”.

**Jr 33,6**: “Vejam! Eu mesmo vou trazer para ela restabelecimento e cura, e lhe mostrarei uma abundância de paz e fidelidade”.

**Nota:20**

**Rm 6,8-9**: “Mas, se estamos mortos com Cristo, acreditamos que também viveremos com ele, pois sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte já não tem poder sobre ele”.

cf. **1Cor 15,36-38 42-45**: “Insensato! Aquilo que você semeia não volta à vida, a não ser que morra. E o que você semeia não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer: ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio.

O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual, pois a Escritura diz que: Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida”.

**Nota:21**

**Mt 26,39**: “Jesus foi um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto por terra, e rezou: Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. Contudo, não seja feito como eu quero, e sim como tu queres”.

**Nota:22**

cf. **Mt 20,34**: “Cheio de compaixão, Jesus tocou os olhos deles, e eles imediatamente começaram a ver. E seguiram a Jesus”.

**Nota:23**

cf. **Mt 9,28**: “Jesus chegou em casa, e os cegos se aproximaram dele. Então Jesus perguntou: Vocês acreditam que eu posso fazer isso? Eles responderam: Sim, Senhor”.

**Mc 5,36**: “Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: Não tenha medo; apenas tenha fé!”.

**Mc 9,23**: “Jesus disse: Se podes!... Tudo é possível para quem tem fé”.

**Nota:24**

cf. **Mt 4**: “Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: ‘Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!’ Mas Jesus respondeu: ‘A Escritura diz: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus’.

Então o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: 'Se tu és Filho de Deus, joga-te para baixo! Porque a Escritura diz: Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, e eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra'. Jesus respondeu-lhe: 'A Escritura também diz: Não tente o Senhor seu Deus'.

O diabo tornou a levar Jesus, agora para um monte muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. E lhe disse: 'Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar'. Jesus disse-lhe: 'Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a ele servirá'.

Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus.

Ao saber que João tinha sido preso, Jesus voltou para a Galiléia. Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galiléia, nos confins de Zabulon e Neftali, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão, Galiléia dos que não são judeus! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte'. Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: 'Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo'.

Jesus andava à beira do mar da Galiléia, quando viu dois irmãos: Simão, também chamado Pedro, e seu irmão André. Estavam jogando a rede no mar, pois eram pescadores. Jesus disse para eles: 'Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens'. Eles deixaram imediatamente as redes, e seguiram a Jesus. Indo mais adiante, Jesus viu outros dois irmãos: Tiago e João, filhos de Zebedeu. Estavam na barca com seu pai Zebedeu, consertando as redes. E Jesus os chamou. Eles deixaram imediatamente a barca e o pai, e seguiram a Jesus.

Jesus andava por toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade do povo. E a fama de Jesus espalhou-se por toda a Síria. Levaram-lhe todos os doentes atingidos por diversos males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos. E Jesus os curou. Numerosas multidões da Galiléia, da Decápole, de Jerusalém, da Judéia e do outro lado do rio Jordão começaram a seguir Jesus".

#### **Nota:25**

cf. **Mt 8,16-17**: "À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: 'Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças'".

#### **Nota:26**

cf. **Mt 12,38-40**: "Então alguns doutores da Lei e fariseus disseram a Jesus: 'Mestre, queremos ver um sinal realizado por ti'. Jesus respondeu: 'Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. De fato, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem passará três dias e três noites no seio da terra'".

#### **Nota:27**

cf. **Fl 2,6-8**: "Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!".

#### **Nota:28**

cf. **Fl 2,5**: "Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo".

#### **Nota:29**

cf. **Rm 8,19-21**: "A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu, a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus".

#### **Nota:30**

**At 10,38**: "Eu me refiro a Jesus de Nazaré: Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder. E Jesus andou por toda parte, fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo; porque Deus estava com Jesus".

#### **Nota:31**

cf. **Jo 10,10**: "O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância".

#### **Nota:32**

**LG 48**: "Em Cristo Jesus somos todos chamados a pertencer à Igreja e, pela graça de Deus, a alcançar a santidade. Mas a Igreja só chegará à perfeição na glória celeste, juntamente com o gênero humano, com o qual está intimamente unida e através do qual alcança o seu fim, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cf. At 3, 21) e o mundo chegar à plenitude em Cristo. (cf. Ef 1, 10; Cl 1, 20; 2Pd 3, 10-13).

Levantado da terra, Cristo atraiu tudo a si (cf. Jo 12, 32). Ressuscitando dos mortos (cf. Rm 6, 9), derramou nos discípulos seu Espírito vivificador, fazendo de seu corpo, a Igreja, sacramento universal da salvação. Sentado à direita do Pai, opera continuamente no mundo, conduzindo os homens à Igreja para mantê-los unidos mais intimamente a si mesmo, alimentá-los com seu próprio corpo e sangue e torná-los participantes de sua vida gloriosa. A renovação prometida que esperamos já começou em Cristo. Continua na missão do Espírito Santo e, por seu intermédio, na Igreja em que apreendemos, na fé, o sentido de nossa vida temporal, nos fixamos na esperança dos bens futuros, construímos a obra que nos foi confiada pelo Pai neste mundo, alcançando nosso fim e realizando nossa salvação (Fl 2, 12).

O fim dos tempos já chegou (cf. 1Cor 10, 11). A renovação de todas as coisas foi definitivamente realizada e até, de certa maneira, antecipada neste mundo. A Igreja é realmente santa, embora de modo ainda imperfeito. Enquanto não se manifestam os novos céus e a nova terra, em que prevalecerá a justiça (cf. 2Pd 3, 13), a Igreja peregrina conserva o perfil deste mundo, passageiro, nos seus sacramentos e instituições. Vive em meio às criaturas que por enquanto gemem e sofrem as dores do parto, na expectativa da revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 19-22).

Unidos a Cristo, na Igreja, e marcados pelo Espírito Santo, que é penhor de nossa herança (Ef 1, 14), chamados filhos de Deus, como de fato o somos (cf. 1Jo 3, 1), ainda não aparecemos com o Cristo na glória (cf. Cl 3, 4). Só então seremos semelhantes a Deus, pois o veremos como é (cf. 1Jo 3, 2). Enquanto habitamos

neste corpo, estamos fora de casa, longe do Senhor (2Cor 5, 6). Gememos intimamente, embora possuindo as primícias do Espírito (cf. Rm 8, 23), no desejo de estar com Cristo (Fl 1, 23). Deixemo-nos pressionar pelo mesmo amor, para vivermos cada vez mais em função daquele que morreu por nós e ressuscitou (cf. 2Cor 5, 15).

Procuremos agradar o Senhor em tudo (cf. 2Cor 5, 9), vestindo a armadura de Deus, para que possamos superar as insidias do diabo e resistir nos momentos difíceis (cf. Ef 6, 11-13). Como não se sabe o dia nem a hora, é preciso vigiar, de acordo com o conselho do Senhor, para que ao fim de nossa única vida terrestre (cf. Hb 9, 27), mereçamos entrar com ele e com todos os bem-aventurados para as núpcias (cf. Mt 25, 31-46) e não sejamos mandados para o fogo eterno (cf. Mt 25, 31), como servos maus e preguiçosos (cf. Mt 25, 26), nem relegados às trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes (cf. Mt 22, 13; 25, 30).

Antes de reinarmos com o Cristo glorioso devemos todos comparecer diante do seu tribunal, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal (2Cor 5, 10). No fim do mundo, aqueles que fizeram o bem vão ressuscitar para a vida; os que praticaram o mal, vão ressuscitar para a condenação (Jo 5, 29; cf. Mt 25, 46).

Julgando que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura, que será revelada em nós (Rm 8, 18; cf. 2Tm 2, 11-12), fortificados pela fé, ficamos na expectativa da bendita esperança, isto é, da manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e salvador (Tt 2, 13) que vai transformar nosso corpo terreno e torná-lo semelhante ao seu corpo glorioso (Fl 3, 21) e que virá para ser glorificado na pessoa de seus santos e para ser admirado em todos aqueles que acreditaram (2Ts 1, 10)".

**GS 45:** "Ajudando o mundo e sendo por ele ajudada, a Igreja caminha para um único fim: a vinda do reino de Deus e a salvação de todo o gênero humano. Todo bem que o povo de Deus, em sua peregrinação terrestre, pode oferecer à família humana, vem da Igreja, como "sacramento da salvação universal", mistério em que se manifesta e se realiza o amor de Deus para com os seres humanos.

O Verbo de Deus, por quem foram feitas todas as coisas, encarnou-se para salvar a todos e tudo recapitular, como homem perfeito. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para o qual convergem todos os desejos da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações e a realização de todas as nossas aspirações. Foi quem o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, como juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos pelo seu Espírito, caminhamos para a realização final da história humana, que corresponderá plenamente ao seu desígnio de amor: instaurar tudo em Cristo, no céu e na terra (cf. Ef 1, 10).

O próprio Senhor o diz: Eis que venho em breve e comigo trago o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim (Ap 22, 12s)".

#### Nota:33

**GS 45:** "Ajudando o mundo e sendo por ele ajudada, a Igreja caminha para um único fim: a vinda do reino de Deus e a salvação de todo o gênero humano. Todo bem que o povo de Deus, em sua peregrinação terrestre, pode oferecer à família humana, vem da Igreja, como "sacramento da salvação universal", mistério em que se manifesta e se realiza o amor de Deus para com os seres humanos.

O Verbo de Deus, por quem foram feitas todas as coisas, encarnou-se para salvar a todos e tudo recapitular, como homem perfeito. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para o qual convergem todos os desejos da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações e a realização de todas as nossas aspirações. Foi quem o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, como juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos pelo seu Espírito, caminhamos para a realização final da história humana, que corresponderá plenamente ao seu desígnio de amor: instaurar tudo em Cristo, no céu e na terra (Ef 1, 10).

O próprio Senhor o diz: Eis que venho em breve e comigo trago o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim (Ap 22, 12s)".

#### Nota:34

cf. **Mt 10,1-3:** "Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar os espíritos maus, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade. São estes os nomes dos Doze Apóstolos: primeiro Simão, chamado Pedro, e seu irmão André; Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu".

#### Nota:35

cf. **Mc 16, 17:** "Os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem são estes: expulsarão demônios em meu nome, falarão novas línguas".

#### Nota:36

cf. **At 3,1-3:** "Pedro e João iam subindo ao Templo para a oração das três horas da tarde, quando viram trazer um homem, coxo de nascença. Costumavam colocá-lo todos os dias na porta do Templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam no Templo. Quando viu Pedro e João entrando no Templo, o homem pediu uma esmola".

**At 8,7:** "Dando grandes gritos, os espíritos maus saíam de muitos endemoninhados. Numerosos paralíticos e aleijados também foram curados".

**At 9,32-34:** "Pedro, que percorria todos os lugares, visitou também os fiéis que moravam em Lida. Aí encontrou um homem chamado Enéias, que estava paralítico e há oito anos jazia na cama. Pedro lhe disse: Enéias, Jesus Cristo está curando você! Levante-se e arrume a sua cama! Imediatamente Enéias se levantou".

**At 14,8-10:** "Em Listra havia um homem paralítico das pernas; era coxo de nascença e nunca tinha conseguido andar. Ele escutava o discurso de Paulo. E este, fixando nele o olhar e notando que tinha fé para ser curado, disse em alta voz: Levante-se direito sobre os seus pés. O homem deu um salto e começou a andar".

**At 28,8-10:** "O pai dele estava com febre e disenteria. Paulo foi visitá-lo, rezou, impôs as mãos sobre ele e o curou. Depois disso, os doentes da ilha começaram a ir ao encontro de Paulo e eram curados. Demonstraram, então, muitos sinais de estima e, quando estávamos de partida, levaram para o navio tudo o que precisávamos".

#### Nota:37

cf. **1Cor 12,9.28.30**: “a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas (...) Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direção e o dom de falar em línguas (...) Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam?”.

**Nota:38**

cf. **Tg 5,14-15**: “Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado”.

**Nota:39**

**Tg 5,14**: “Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor”.

**Nota:40**

cf. **Rm 8,17**: “E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros junto com Cristo, uma vez que, tendo participado dos seus sofrimentos, também participaremos da sua glória”.

**Cl 1,24**: “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja”.

**2Tm 2,11-12**: “Estas palavras são certas: Se com ele morreremos, com ele viveremos; se com ele sofremos, com ele reinaremos. Se nós o renegamos, também ele nos renegará”.

**1Pd 4,13**: “Ao contrário, alegrem-se por estarem participando dos sofrimentos de Cristo, para que vocês também se alegrem e exultem ao se revelar a glória dele”.

**Nota:41**

**LG 11**: “A índole sagrada e a constituição orgânica da comunidade sacerdotal se efetivam nos sacramentos e na prática cristã. Incorporados à Igreja pelo batismo, os fiéis recebem o caráter que os qualifica para o culto. Por outro lado, renascidos como filhos de Deus, devem professar a fé que receberam de Deus, por intermédio da Igreja.

O sacramento da confirmação os vincula ainda mais intimamente à Igreja e lhes confere de modo especial a força do Espírito Santo. Daí a obrigação maior de difundir e defender a fé, pela palavra e pelas obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo.

Participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, os fiéis oferecem a Deus a vítima divina e se oferecem com ela. Juntamente com os ministros, cada um a seu modo, têm todos um papel específico a desempenhar na ação litúrgica, tanto na oblação como na comunhão. Alimentando-se todos com o corpo de Cristo, demonstram de maneira concreta a unidade do povo de Deus, proclamada e realizada pelo sacramento da eucaristia.

Os fiéis que procuram o sacramento da penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa que lhe fizeram. Ao mesmo tempo, se reconciliam com a Igreja, que ofenderam ao pecar e que contribui para sua conversão pelo amor, pelo exemplo e pelas orações.

Pela sagrada unção dos enfermos e pela oração dos sacerdotes, a Igreja inteira recomenda os doentes ao Senhor, para seu alívio e salvação (cf. Tg 5, 14). Exorta-os a se unirem livremente à paixão e à morte de Cristo (cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; 2Tm 2, 11-12; 1Pd 4, 13), dando assim sua contribuição para o bem do povo de Deus.

Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos, em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus.

Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos, em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus.

Finalmente os fiéis se dão o sacramento do matrimônio, manifestação e participação da unidade e do amor fecundo entre Cristo e sua Igreja (cf. Ef 5, 32). Ajudam-se mutuamente a se santificar na vida conjugal, no acolhimento e na educação dos filhos. Contam, por isso, com um dom específico e um lugar próprio ao seu estado de vida, no povo de Deus. A família procede dessa união. Nela nascem os novos membros da sociedade humana que, batizados, se tornarão filhos de Deus pela graça do Espírito Santo e perpetuarão o povo de Deus através dos séculos. A família é uma espécie de igreja doméstica. Os pais são os primeiros anunciadores da fé e devem cuidar da vocação própria de cada um dos filhos, especialmente da vocação sagrada.

Todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, de acordo com o caminho que lhes é próprio, são chamados pelo Senhor à perfeição da santidade, que é a própria perfeição de Deus e, por isso, dispõem de tais e de tantos meios”.

**Nota:42**

cf. **Fl 2,5**: “Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo”.

**Nota:43**

cf. **1Pd 4,10**: “Cada um viva de acordo com a graça recebida e coloquem-se a serviço dos outros, como bons administradores das muitas formas da graça que Deus concedeu a vocês”.

**Nota:44**

**Gn 1,26**: “Então Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra’”.

**Nota:45**

cf. **GS 15**: “O ser humano se considera, com razão, superior a todas as coisas pela sua inteligência, que participa da luz divina. Aplicando-se com dedicação, progrediu enormemente nas ciências, na técnica e nas artes liberais. Obtém hoje grandes sucessos na investigação e no domínio das coisas materiais. Buscou e encontrou sempre uma verdade mais profunda. A inteligência não se limita aos fenômenos. Alcança com certeza a verdade inteligível, embora debilitada e, até certo ponto, obscurecida pelo pecado.

A natureza intelectual da pessoa deve ser aperfeiçoada, e de fato o é, pela sabedoria, que inclina interiormente o ser humano à busca e ao amor dos verdadeiros bens, conduzindo-o, através das coisas visíveis, às invisíveis. Mais do que nos séculos passados, talvez, necessita-se hoje dessa sabedoria, para humanizar todas as novidades que se descobriram. O destino do mundo está em jogo. Os seres humanos precisam ser mais sábios. Certas nações economicamente pobres, mas ricas em sabedoria, prestariam a todos um grande serviço, nesse sentido.

Pelo dom do Espírito Santo, na fé, o ser humano tem acesso ao mistério do desígnio divino, contemplando-o e, de certa maneira, experimentando-o”.

**GS 17:** “Não é possível fazer o bem sem liberdade. Hoje em dia dá-se grande valor à liberdade, que é por todos procurada com o maior empenho. O que é perfeitamente justo. É verdade que a liberdade é muitas vezes deturpada, como se consistisse na licença de fazer o que se quer, mesmo quando é o mal. A verdadeira liberdade é a marca mais extraordinária da imagem de Deus no ser humano. Deus o entrega a si mesmo, para que busque espontaneamente seu criador e, encontrando-o, se auto-realize livremente. Faz parte da dignidade da pessoa agir por opção consciente e livre, induzida e movida pessoalmente, livre de toda coação externa e de qualquer pressão interna.

O ser humano deve, pois, se libertar do cativeiro das paixões e se realizar na liberdade, fazendo o bem e recorrendo eficaz e seguidamente aos apoios de que necessita. Enfraquecida pelo pecado, a liberdade precisa do auxílio da graça divina para efetivamente se afirmar, pois é diante do tribunal divino que todos hão de prestar contas de sua vida, do bem e do mal que fizeram”.

**GS 22:** “O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado. O primeiro homem, Adão, era imagem do futuro, o Cristo Senhor.

Ao revelar o mistério do Pai e de seu amor, Jesus Cristo, o último Adão, manifesta plenamente aos seres humanos o que é o ser humano e a sublimidade da vocação humana. Não admira pois que todas as verdades a que anteriormente aludíamos tenham sua fonte em Cristo e, nele, alcancem sua máxima expressão.

Ele é imagem do Deus invisível (CI 1, 15), homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a integridade violada pelo pecado. Nele, a natureza humana foi assumida sem ser afetada e, por isso mesmo, tornou-se ainda mais digna e preciosa. Pela sua encarnação, o Filho de Deus, de certo modo, uniu-se a todos os seres humanos. Trabalhou com mãos humanas, pensou e agiu como qualquer ser humano, amando com um coração humano. Nascido da virgem Maria, foi realmente um dos nossos em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, tendo derramado livremente o seu sangue, nos mereceu a vida. Nele, Deus se reconciliou conosco e nos livrou da escravidão do demônio e do pecado, para que cada um de nós pudesse dizer com o apóstolo: o Filho de Deus me amou e se entregou por mim (Gl 2, 20). Sofrendo por nós, não apenas deu exemplo, para que lhe sigamos os passos, mas estabeleceu o caminho através do qual a vida e a morte ganham um sentido novo e se tornam vias de santificação.

O cristão, conforme a imagem do Filho, primogênito entre muitos irmãos, recebeu as primícias do Espírito (Rm 8, 23), tornando-se capaz de cumprir a nova lei do amor. Pelo Espírito, que é penhor da herança (Ef 1,14), o homem interior se renova completamente, até a redenção do corpo (Rm 8, 23): Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu Espírito que habita em vocês (Rm 8, 11).

O cristão sem dúvida precisa e tem o dever de lutar contra o mal através de todas as dificuldades, aceitando, inclusive, a morte. Associado porém ao mistério pascal e configurando-se ao Cristo na morte, caminha animado pela esperança da ressurreição.

Isto não vale somente para os fiéis, mas para todos os homens de boa vontade, em cujos corações atua a graça, de maneira invisível. Como Cristo morreu por todos, todos são chamados a participar da mesma vida divina. Deve-se, pois, admitir que o Espírito Santo oferece absolutamente a todos os seres humanos a possibilidade de se associarem ao mistério pascal, de maneira conhecida somente por Deus.

Eis o grande e admirável mistério do ser humano. Os fiéis o reconhecem através da revelação cristã. Por Cristo e em Cristo brilha uma luz no fim do túnel de dor e de morte, que nos sufocaria, não fosse o Evangelho. Cristo ressuscitou. Destruíu a morte com sua morte e a todos deu a vida, para que, como filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abba! Pai!”.

**Nota:46**

**Mt 25,36.40:** “eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar. Então o Rei lhes responderá: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram””.

**Nota:47**

**CI 1,24:** “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja”.

**Nota:48**

cf. **Ritual, n.3:** “Por disposição da divina providência o homem deve lutar ardentemente contra toda doença e procurar com empenho o tesouro da saúde, para que possa desempenhar o seu papel na sociedade e na Igreja, contanto que esteja sempre preparado para completar o que falta aos sofrimentos do Cristo pela salvação do mundo, esperando a libertação da criatura na glória dos filhos de Deus (cf. CI 1,24; Rm 8,19-21).

É também papel dos enfermos na Igreja, pelo seu testemunho, não só levar os outros homens a não esquecer as realidades essenciais e mais altas, como mostrar que nossa vida mortal deve ser redimida pelo mistério da morte e ressurreição do Cristo”.

**Nota:49**

cf. **2Cor 4,10:** “Sem cessar e por toda parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo”.

**Gl 6,14:** “Quanto a mim, que eu não me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo”.

**Ef 5,2:** “Vivam no amor, assim como Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós, como oferta e vítima, como perfume agradável”.

**Fl 3,10:** “Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão em seus sofrimentos, para tornar-me semelhante a ele em sua morte”.

**Nota:50**

**2Cor 4,10:** “Sem cessar e por toda parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo”.

**Nota:51**

**2Cor 4,16:** “É por isso que nós não perdemos a coragem. Pelo contrário: embora o nosso físico vá se desfazendo, o nosso homem interior vai se renovando a cada dia”.

**Nota:52**

cf. **At 2,33.39**: “Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou: é o que vocês estão vendo e ouvindo. Pois a promessa é em favor de vocês e de seus filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor nosso Deus chamar”.

**Nota:53**

cf. **1Cor 10,11**: “Tais coisas aconteceram a eles como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, a nós que vivemos no fim dos tempos”.

**LG 48**: “Em Cristo Jesus somos todos chamados a pertencer à Igreja e, pela graça de Deus, a alcançar a santidade. Mas a Igreja só chegará à perfeição na glória celeste, juntamente com o gênero humano, com o qual está intimamente unida e através do qual alcança o seu fim, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cf. At 3, 21) e o mundo chegar à plenitude em Cristo. (cf. Ef 1, 10; Cl 1, 20; 2Pd 3, 10-13).

Levantado da terra, Cristo atraiu tudo a si (cf. Jo 12, 32). Ressuscitando dos mortos (cf. Rm 6,9), derramou nos discípulos seu Espírito vivificador, fazendo de seu corpo, a Igreja, sacramento universal da salvação. Sentado à direita do Pai, opera continuamente no mundo, conduzindo os homens à Igreja para mantê-los unidos mais intimamente a si mesmo, alimentá-los com seu próprio corpo e sangue e torná-los participantes de sua vida gloriosa. A renovação prometida que esperamos já começou em Cristo. Continua na missão do Espírito Santo e, por seu intermédio, na Igreja em que apreendemos, na fé, o sentido de nossa vida temporal, nos fixamos na esperança dos bens futuros, construímos a obra que nos foi confiada pelo Pai neste mundo, alcançando nosso fim e realizando nossa salvação (Fl 2, 12).

O fim dos tempos já chegou (cf. 1Cor 10,11). A renovação de todas as coisas foi definitivamente realizada e até, de certa maneira, antecipada neste mundo. A Igreja é realmente santa, embora de modo ainda imperfeito. Enquanto não se manifestam os novos céus e a nova terra, em que prevalecerá a justiça (cf. 2Pd 3,13), a Igreja peregrina conserva o perfil desse mundo, passageiro, nos seus sacramentos e instituições. Vive em meio às criaturas que por enquanto gemem e sofrem as dores do parto, na expectativa da revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19-22).

Unidos a Cristo, na Igreja, e marcados pelo Espírito Santo, que é penhor de nossa herança (Ef 1,14), chamados filhos de Deus, como de fato o somos (cf. 1Jo 3,1), ainda não aparecemos com o Cristo na glória (cf. Cl 3,4). Só então seremos semelhantes a Deus, pois o veremos como é (cf. 1Jo 3,2). Enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de casa, longe do Senhor (2Cor 5,6). Gememos intimamente, embora possuindo as primícias do Espírito (cf. Rm 8,23), no desejo de estar com Cristo (Fl 1,23). Deixemo-nos pressionar pelo mesmo amor, para vivermos cada vez mais em função daquele que morreu por nós e ressuscitou (cf. 2Cor 5,15).

Procuremos agradecer o Senhor em tudo (cf. 2Cor 5,9), vestindo a armadura de Deus, para que possamos superar as insídias do diabo e resistir nos momentos difíceis (cf. Ef 6,11-13). Como não se sabe o dia nem a hora, é preciso vigiar, de acordo com o conselho do Senhor, para que ao fim de nossa única vida terrestre (cf. Hb 9,27), mereçamos entrar com ele e com todos os bem-aventurados para as núpcias (cf. Mt 25,31-46) e não sejamos mandados para o fogo eterno (cf. Mt 25,31), como servos maus e preguiçosos (cf. Mt 25, 26), nem relegados às trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes (cf. Mt 22,13; 25,30).

Antes de reinarmos com o Cristo glorioso devemos todos comparecer diante do seu tribunal, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal (2Cor 5,10). No fim do mundo, aqueles que fizeram o bem vão ressuscitar para a vida; os que praticaram o mal, vão ressuscitar para a condenação (Jo 5,29; cf. Mt 25,46).

Julgando que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura, que será revelada em nós (Rm 8,18; cf. 2Tm 2,11-12), fortificados pela fé, ficamos na expectativa da bendita esperança, isto é, da manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e salvador (Tt 2,13) que vai transformar nosso corpo terreno e torná-lo semelhante ao seu corpo glorioso (Fl 3,21) e que virá para ser glorificado na pessoa de seus santos e para ser admirado em todos aqueles que acreditaram (2Ts 1,10)”.

**Nota:54**

cf. **Ef 1,10**: “De levar a história à sua plenitude, reunindo o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres, som uma só Cabeça, Cristo”.

**Cl 1,20**: “para, por meio dele, reconciliar consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz”.

**2Pd 3,10**: “O Dia do Senhor chegará como um ladrão, e então os céus se dissolverão com estrondo, os elementos se derreterão, devorados pelas chamas, e a terra desaparecerá com tudo o que nela se faz”.

**LG 48**: “Em Cristo Jesus somos todos chamados a pertencer à Igreja e, pela graça de Deus, a alcançar a santidade. Mas a Igreja só chegará à perfeição na glória celeste, juntamente com o gênero humano, com o qual está intimamente unida e através do qual alcança o seu fim, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cf. At 3, 21) e o mundo chegar à plenitude em Cristo. (cf. Ef 1, 10; Cl 1, 20; 2Pd 3, 10-13).

Levantado da terra, Cristo atraiu tudo a si (cf. Jo 12, 32). Ressuscitando dos mortos (cf. Rm 6, 9), derramou nos discípulos seu Espírito vivificador, fazendo de seu corpo, a Igreja, sacramento universal da salvação. Sentado à direita do Pai, opera continuamente no mundo, conduzindo os homens à Igreja para mantê-los unidos mais intimamente a si mesmo, alimentá-los com seu próprio corpo e sangue e torná-los participantes de sua vida gloriosa. A renovação prometida que esperamos já começou em Cristo. Continua na missão do Espírito Santo e, por seu intermédio, na Igreja em que apreendemos, na fé, o sentido de nossa vida temporal, nos fixamos na esperança dos bens futuros, construímos a obra que nos foi confiada pelo Pai neste mundo, alcançando nosso fim e realizando nossa salvação (Fl 2, 12).

O fim dos tempos já chegou (cf. 1Cor 10, 11). A renovação de todas as coisas foi definitivamente realizada e até, de certa maneira, antecipada neste mundo. A Igreja é realmente santa, embora de modo ainda imperfeito. Enquanto não se manifestam os novos céus e a nova terra, em que prevalecerá a justiça (cf. 2Pd 3, 13), a Igreja peregrina conserva o perfil desse mundo, passageiro, nos seus sacramentos e instituições. Vive em meio às criaturas que por enquanto gemem e sofrem as dores do parto, na expectativa da revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 19-22).

Unidos a Cristo, na Igreja, e marcados pelo Espírito Santo, que é penhor de nossa herança (Ef 1, 14), chamados filhos de Deus, como de fato o somos (cf. 1Jo 3, 1), ainda não aparecemos com o Cristo na glória (cf. Cl 3, 4). Só então seremos semelhantes a Deus, pois o veremos como é (cf. 1Jo 3, 2). Enquanto habitamos



neste corpo, estamos fora de casa, longe do Senhor (2Cor 5, 6). Gememos intimamente, embora possuindo as primícias do Espírito (cf. Rm 8, 23), no desejo de estar com Cristo (Fl 1, 23). Deixemo-nos pressionar pelo mesmo amor, para vivermos cada vez mais em função daquele que morreu por nós e ressuscitou (cf. 2Cor 5, 15).

Procuremos agradar o Senhor em tudo (cf. 2Cor 5, 9), vestindo a armadura de Deus, para que possamos superar as insidias do diabo e resistir nos momentos difíceis (cf. Ef 6, 11-13). Como não se sabe o dia nem a hora, é preciso vigiar, de acordo com o conselho do Senhor, para que ao fim de nossa única vida terrestre (cf. Hb 9, 27), mereçamos entrar com ele e com todos os bem-aventurados para as núpcias (cf. Mt 25, 31-46) e não sejamos mandados para o fogo eterno (cf. Mt 25, 31), como servos maus e preguiçosos (cf. Mt 25, 26), nem relegados às trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes (cf. Mt 22, 13; 25, 30).

Antes de reinarmos com o Cristo glorioso devemos todos comparecer diante do seu tribunal, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal (2Cor 5, 10). No fim do mundo, aqueles que fizeram o bem vão ressuscitar para a vida; os que praticaram o mal, vão ressuscitar para a condenação (Jo 5, 29; cf. Mt 25, 46).

Julgando que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura, que será revelada em nós (Rm 8, 18; cf. 2Tm 2, 11-12), fortificados pela fé, ficamos na expectativa da bendita esperança, isto é, da manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e salvador (Tt 2, 13) que vai transformar nosso corpo terreno e torná-lo semelhante ao seu corpo glorioso (Fl 3, 21) e que virá para ser glorificado na pessoa de seus santos e para ser admirado em todos aqueles que acreditaram (2Ts 1, 10)".

#### Nota:55

cf. **1Cor 15,25-27**: "Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído será a morte, pois Deus tudo colocou debaixo dos pés de Cristo. Mas, quando se diz que tudo lhe será submetido, é claro que se deve excluir Deus, que tudo submeteu a Cristo".

#### Nota:56

cf. **Rm 8,19**: "A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus".

#### Nota:57

cf. **Ap 22, 2**: "No meio da praça, de cada lado do rio, estão plantadas árvores da vida; elas dão fruto doze vezes por ano; todo mês elas frutificam; suas folhas servem para curar as nações".

**Ez 47,12**: "Nas margens da torrente, de um lado e do outro, haverá toda espécie de árvores com frutos comestíveis, cujas folhas e frutos não se esgotarão. Essas árvores produzirão novos frutos de mês em mês, porque a água da torrente provém do santuário. Por isso, os frutos servirão de alimento e as folhas de remédio".

#### Nota:58

**Cl 1,27**: "Deus quis manifestar aos cristãos a riqueza gloriosa que este mistério representa para os pagãos, isto é, o fato de que Cristo, a glória esperada, está em vocês".

#### Nota:59

**Fl 1,20-21**: "O que desejo e espero é não fracassar, mas, agora como sempre, manifestar com toda a coragem a glória de Cristo em meu corpo, tanto na vida, como na morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro".

#### Nota:60

**Ritual, n.5**: "Os Evangelhos atestam amplamente quanto o próprio Senhor se empenhou em cuidar corporal e espiritualmente dos enfermos, ordenando aos fiéis que fizessem o mesmo. Mostram também claramente que o sacramento da Unção, por ele instituído e promulgado na Epístola de São Tiago, começou então a ser celebrado pela Igreja, por meio da unção dos seus membros e da oração dos presbíteros, que recomendavam os doentes ao Senhor, padecente e glorificado, para que os aliviasse e salvasse (cf. Tg 5,14-16), exortando-os sobretudo a se unirem de coração à paixão e morte de Cristo (cf. Rom 8,17) para o bem do povo de Deus.

Na verdade aquele que adocece gravemente necessita de uma graça especial de Deus, a fim de que, premido pela ansiedade, não desanime, e submetido à tentação, não venha a perder a própria fé.

Por isso o Cristo fortalece com o sacramento da Unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim poderoso auxílio.

A celebração deste sacramento consiste sobretudo na oração da fé e na unção dos enfermos com o óleo santificado pela benção de Deus após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja; por este rito é significada e conferida a graça do sacramento".

#### Nota:61

**Mc 6,13**: "Expulsavam muitos demônios e curavam muitos doentes, unguindo-os com óleo".

#### Nota:62

**Tg 5,14-15**: "Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado".

#### Nota:63

**Ritual, n.5**: "Os Evangelhos atestam amplamente quanto o próprio Senhor se empenhou em cuidar corporal e espiritualmente dos enfermos, ordenando aos fiéis que fizessem o mesmo. Mostram também claramente que o sacramento da Unção, por ele instituído e promulgado na Epístola de São Tiago, começou então a ser celebrado pela Igreja, por meio da unção dos seus membros e da oração dos presbíteros, que recomendavam os doentes ao Senhor, padecente e glorificado, para que os aliviasse e salvasse (cf. Tg 5,14-16), exortando-os sobretudo a se unirem de coração à paixão e morte de Cristo (cf. Rm 8,17) para o bem do povo de Deus.

Na verdade aquele que adocece gravemente necessita de uma graça especial de Deus, a fim de que, premido pela ansiedade, não desanime e submetido à tentação, não venha a perder a própria fé. Por isso o Cristo fortalece com o sacramento da Unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim poderoso auxílio.

A celebração deste sacramento consiste sobretudo na oração da fé e na unção dos enfermos com o óleo santificado pela benção de Deus após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja; por este rito é significada e conferida a graça do sacramento".

#### Nota:64

**Ritual, n.5:** “Os Evangelhos atestam amplamente quanto o próprio Senhor se empenhou em cuidar corporal e espiritualmente dos enfermos, ordenando aos fiéis que fizessem o mesmo. Mostram também claramente que o sacramento da Unção, por ele instituído e promulgado na Epístola de São Tiago, começou então a ser celebrado pela Igreja, por meio da unção dos seus membros e da oração dos presbíteros, que recomendavam os doentes ao Senhor, padecente e glorificado, para que os aliviasse e salvasse (cf. Tg 5,14-16), exortando-os sobretudo a se unirem de coração à paixão e morte de Cristo (cf. Rm 8,17) para o bem do povo de Deus.

Na verdade aquele que adocece gravemente necessita de uma graça especial de Deus, a fim de que, premido pela ansiedade, não desanime e, submetido à tentação, não venha a perder a própria fé.

Por isso, o Cristo fortalece com o sacramento da Unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim poderoso auxílio.

A celebração deste sacramento consiste sobretudo na oração da fé e na unção dos enfermos com o óleo santificado pela benção de Deus após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja; por este rito é significada e conferida a graça do sacramento”.

**Nota:65**

**Ritual, n.6:** “Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que contribui para o bem do homem todo, reanimado pela confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do maligno e as aflições da morte, de modo que possa não somente suportar mas combater o mal e conseguir, se for conveniente à sua salvação espiritual, a própria cura. Este sacramento proporciona também, em caso de necessidade, o perdão dos pecados e a consumação da penitência cristã”.

**Nota:66**

cf. **Tg 5,14-16:** “Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado. Confessem mutuamente os próprios pecados e rezem uns pelos outros, para serem curados. A oração do justo, feita com insistência, tem muita força”.

**Nota:67**

**Ritual, n.6:** “Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que contribui para o bem do homem todo, reanimado pela confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do maligno e as aflições da morte, de modo que possa não somente suportar mas combater o mal, e conseguir, se for conveniente à sua salvação espiritual, a própria cura. Este sacramento proporciona também, em caso de necessidade, o perdão dos pecados e a consumação da penitência cristã”.

**Nota:68**

**Ritual, n.6:** “Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que contribui para o bem do homem todo, reanimado pela confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do maligno e as aflições da morte, de modo que possa não somente suportar mas combater o mal e conseguir, se for conveniente à sua salvação espiritual, a própria cura. Este sacramento proporciona também, em caso de necessidade, o perdão dos pecados e a consumação da penitência cristã”.

**Nota:69**

cf. **SC 59:** “Os sacramentos se destinam à santificação dos seres humanos, à edificação do corpo de Cristo e, finalmente, ao culto que se deve a Deus. Como sinais, visam também à instrução. Requerem a fé, mas também a alimentam, sustentam e exprimem, com palavras e coisas, merecendo, por isso, ser chamados sacramentos da fé. Conferem a graça, mas também dispõem os fiéis a recebê-la frutuosa e prestarem o devido culto a Deus e exercer a caridade.

É de suma importância que os fiéis entendam os sinais sacramentais e freqüentemente assiduamente os sacramentos, instituídos para sustento da vida cristã”.

**Nota:70**

cf. **SC 59:** “Os sacramentos se destinam à santificação dos seres humanos, à edificação do corpo de Cristo e, finalmente, ao culto que se deve a Deus. Como sinais, visam também à instrução. Requerem a fé, mas também a alimentam, sustentam e exprimem, com palavras e coisas, merecendo, por isso, ser chamados sacramentos da fé. Conferem a graça, mas também dispõem os fiéis a recebê-la frutuosa e prestarem o devido culto a Deus e exercer a caridade.

É de suma importância que os fiéis entendam os sinais sacramentais e freqüentemente assiduamente os sacramentos, instituídos para sustento da vida cristã”.

**Nota:71**

cf. **Tg 5,15:** “A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado”.

**Nota:72**

cf. **Tg 5,15:** “A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado”.

**Nota:73**

**Ritual, n.7:** “Na sagrada Unção, unida à oração da fé (cf. Tg 5,15), esta fé se exprime, e por isso deve ser despertada tanto no ministro do sacramento, como sobretudo naquele que o recebe; o doente, com efeito, será salvo por sua fé e a fé da Igreja, que contemplam a morte e a ressurreição do Cristo, de onde provém a eficácia do sacramento (cf. Tg 5,15), ao mesmo tempo que se voltam para o reino que há de vir, cujo penhor é dado pelos sacramentos”.

**Nota:74**

cf. **1Cor 15,53-54:** “De fato, é necessário que este ser corruptível seja revestido da incorruptibilidade, e que este ser mortal seja revestido da imortalidade. Portanto, quando este ser corruptível for revestido da incorruptibilidade e este ser mortal for revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: A morte foi engolida pela vitória”.

**Nota:75**

cf. **1Cor 15,19:** “Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens”.

**Nota:76**

cf. **Rm 4,18**: “Esperando contra toda esperança, Abraão acreditou e tornou-se o pai de muitas nações, conforme foi dito a ele: Assim será a sua descendência”.

**Nota:77**

cf. **1Cor 15,45**: “Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida”.

**Nota:78**

cf. **Tg 5,14**: “Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor”.

**Nota:79**

cf. **Tg 5,14**: “Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor”.

**Nota:80**

cf. **Ritual, n.5**: “Os Evangelhos atestam amplamente quanto o próprio Senhor se empenhou em cuidar corporal e espiritualmente dos enfermos, ordenando aos fiéis que fizessem o mesmo. Mostram também claramente que o sacramento da Unção, por ele instituído e promulgado na Epístola de São Tiago, começou então a ser celebrado pela Igreja, por meio da unção dos seus membros e da oração dos presbíteros, que recomendavam os doentes ao Senhor, padecente e glorificado, para que os aliviasse e salvasse (cf. Tg 5,14-16), exortando-os sobretudo a se unirem de coração à paixão e morte de Cristo (cf. Rm 8,17) para o bem do povo de Deus.

Na verdade aquele que adocece gravemente necessita de uma graça especial de Deus, a fim de que, premido pela ansiedade, não desanime, e submetido à tentação, não venha a perder a própria fé.

Por isso o Cristo fortalece com o sacramento da Unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim poderoso auxílio.

A celebração deste sacramento consiste sobretudo na oração da fé e na unção dos enfermos com o óleo santificado pela bênção de Deus após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja; por este rito é significada e conferida a graça do sacramento”.

**Nota:81**

cf. **Ritual, n.8**: “Na Epístola de Tiago se declara que a Unção deve ser dada aos doentes, para que os alivie e salve. Portanto esta sagrada unção deve ser conferida com todo empenho e cuidado aos fiéis que adoecem gravemente por enfermidade ou velhice.

Para avaliar a gravidade da doença, basta que se tenha da mesma um juízo prudente ou provável, consultando-se o médico, se for o caso, para remover, com sua opinião, qualquer dúvida”.

**Nota:82**

cf. **Ritual, n.10**: “Antes da operação cirúrgica pode ser dada ao enfermo a unção sagrada sempre que uma doença grave seja a causa da intervenção”.

**Nota:83**

cf. **Ritual, n.11**: “Pode-se conferir a sagrada unção às pessoas de idade, cujas forças se encontrem sensivelmente debilitadas, mesmo que não se trate de grave enfermidade”.

**Nota:84**

cf. **Ritual, n.12**: “Também às crianças a sagrada unção seja conferida desde que tenham atingido tal uso da razão que possam encontrar conforto no sacramento Na dúvida se já tenham atingido o uso da razão, administre-se-lhes o sacramento”.

**Nota:85**

cf. **Ritual, n.8**: “Na Epístola de Tiago se declara que a Unção deve ser dada aos doentes, para que os alivie e salve. Portanto esta sagrada unção deve ser conferida com todo empenho e cuidado aos fiéis que adoecem gravemente por enfermidade ou velhice.

Para avaliar a gravidade da doença, basta que se tenha dela um juízo prudente ou provável, consultando-se o médico, se for o caso, para remover, com sua opinião, qualquer dúvida”.

**Nota:86**

cf. **Ritual, n.9**: “Este sacramento pode ser repetido se o doente convalescer após ter recebido a Unção, ou também se perdurando a mesma doença, vier a encontrar-se em situação mais grave”.

**Nota:87**

cf. **Ritual, n.16**: “O ministro próprio da Unção dos enfermos é somente o sacerdote. Administram-na de modo ordinário os bispos, os párocos e os vigários paroquiais, os capelães das casas de saúde e os superiores das comunidades religiosas clericais”.

**Nota:88**

cf. **Ritual, n.16-19**: “16. O ministro próprio da Unção dos enfermos é somente o sacerdote. Administram-na de modo ordinário os bispos, os párocos e os vigários paroquiais, os capelães das casas de saúde e os superiores das comunidades religiosas clericais

17. Compete-lhes, auxiliados por religiosos e leigos, não só preparar os enfermos e as pessoas presentes para a celebração do sacramento, como também conferi-lo. Compete ao bispo diocesano a organização de celebrações em que se reúnem diversos enfermos para a recepção da unção dos enfermos.

18. Por causa razoável, qualquer outro sacerdote pode administrar esse sacramento, com o consentimento, ao menos presumido, do ministro de que trata no no.16 acima, a quem informará sobre a unção feita.

19. Quando dois ou mais sacerdotes estão presentes junto ao enfermo, nada impede que um deles recite as orações e realize a unção com sua fórmula, enquanto os outros distribuem entre si as demais partes do rito, como os ritos iniciais, a leitura da Palavra de Deus, as invocações e exortações. Além disso, todos podem realizar a imposição das mãos”.

**Nota:89**

cf. **Ritual, n.20-25**: “20. A matéria própria para o sacramento é o óleo de oliveira ou, se for oportuno, outro óleo extraído de plantas.

21. O óleo usado na Unção dos enfermos deve ser abençoado para isso pelo bispo ou presbítero que possua tal faculdade, seja por direito, seja por especial concessão da Sé Apostólica. Além do bispo, podem benzer o óleo a ser usado na Unção dos enfermos:

a) aqueles que, por direito, se equiparam ao bispo diocesano;

b) em caso de necessidade, qualquer presbítero, mas só na própria celebração do sacramento.

A bênção do óleo dos enfermos é feita habitualmente pelo bispo na Quinta-feira da Semana Santa.

22. Quando o sacerdote, segundo o n. 21b, deve benzer o óleo ao realizar o rito, esse poderá ser trazido pelo próprio presbítero ou preparado num recipiente pelos familiares do enfermo. Após a celebração, o que restar do óleo bento será queimado ao fogo com algodão.

Quando o sacerdote usar o óleo bento antecipadamente pelo bispo ou sacerdote, levá-lo-á consigo no recipiente em que é guardado. Este recipiente, de material que favoreça a conservação do óleo, esteja bem limpo e contenha bastante óleo, embebido em algodão para maior comodidade. Neste caso o sacerdote, terminada a Unção, repõe o recipiente no lugar em que é dignamente conservado. Cuide porém o Ordinário que o referido óleo permaneça em condições de ser usado e seja renovado oportunamente, quer cada ano após a bênção do óleo pelo bispo na Quinta-feira da Semana Santa, quer, se for necessário, mais freqüentemente.

23. Confere-se a unção, unguindo-se a fronte e as mãos do enfermo; a fórmula será convenientemente dividida, de modo que a primeira parte seja dita na unção da fronte e a outra na unção das mãos.

Contudo, em caso de necessidade, basta que se realize uma única unção na fronte ou, segundo as condições do enfermo, na parte mais conveniente, proferindo-se toda a fórmula.

24. Nada impede contudo, consideradas a mentalidade e as tradições dos povos, que se aumente o número das unções e sejam feitas em outras partes do corpo, o que deverá ser previsto pelas Conferências Episcopais ao se elaborarem os Rituais particulares.

25. A fórmula com que se confere a Unção dos enfermos segundo o rito latino é a seguinte: Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos".

#### Nota:90

**SC 10:** "Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem 'unânimes na piedade', depois de participarem dos 'sacramentos pascais', para que 'na vida conservem o que receberam na fé'. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja".

#### Nota:91

**Jo 6,54-55:** "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida".

#### Nota:92

cf. **Ritual n.26:** "Ao passar desta vida o fiel, confortado pelo viático do Corpo e Sangue de Cristo, recebe o penhor da vida eterna, segundo a Palavra do Senhor: Quem come a minha carne e bebe o meu sangue possui a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6,54).

Se for possível, seja o viático recebido na própria missa, que em tais circunstâncias pode ser celebrada em casa, de modo que o enfermo possa comungar sob as duas espécies, e também porque a comunhão recebida sob a forma de viático é considerada um sinal especialíssimo da participação no mistério que é celebrado no sacrifício da missa, isto é, a morte do Senhor e a sua passagem para o Pai".

#### Nota:93

**SC 8:** "Na liturgia da terra, participamos, e, de certa maneira, antecipamos a liturgia do céu, que se celebra na cidade santa, a Jerusalém para a qual caminhamos, em que Cristo, sentado à direita do Pai, é como que o ministro das coisas santas e do verdadeiro tabernáculo. Juntamente com todos os anjos do céu, cantamos um hino de glória ao Senhor. Celebrando a memória dos santos, esperamos participar um dia de seu convívio. Vivemos na expectativa do salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até o dia em que se tornar manifesta a nossa vida e tomarmos parte, com ele, em sua glória".

#### Nota:94

cf. **Ritual, n.28:** "Convém igualmente que o fiel renove, na celebração do viático, as promessas do batismo, pelo qual recebeu a adoção dos filhos de Deus e se tornou co-herdeiro das promessas da vida eterna".

#### Nota:95

cf. **Mc 11,5-6:** "Algumas pessoas que aí estavam disseram: 'O que vocês estão fazendo, desamarrando o jumentinho?' Os discípulos responderam como Jesus havia dito, e então permitiram que fizessem isso".

#### Nota:96

**Mt 25,34.36:** "Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar'".